

**UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA**

**Programa De Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**

**Helena Silva de Oliveira**

**Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no  
processo de ensino e aprendizagem**

**Araraquara – SP**

**2019**

**Helena Silva de Oliveira**

**Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação, da Universidade de Araraquara – UNIARA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

**Linha de Pesquisa:** Processos de Ensino

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Betanea Platzer

**Araraquara – SP**

**2019**

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

**O47r** OLIVEIRA, Helena Silva de.

Relação professor-aluno na escola de jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem / Helena Silva de Oliveira - Araraquara: Universidade de Araraquara – UNIARA, 2019.

106f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara

Orientadora: Profa Dra. Maria Betanea Platzer

1. Escolarização. 2. Jovens e adultos. 3. Trabalho docente. I. Título.

**CDU370**

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

OLIVEIRA. H. S. Relação professor aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem. 2019. 106 fls. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.

## **ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS**

**NOME DO AUTOR:** HELENA SILVA DE OLIVEIRA

**TÍTULO DO TRABALHO:** Relação professor aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem.

**TIPO DO TRABALHO/ANO:** Dissertação / ano 2019

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.



Nome da autora: Helena Silva de Oliveira

Endereço completo: Rua Antônio Felipe 380, Jardim Universal/Araraquara/SP

E-mail: helensoliveira@hotmail.com



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,  
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de **Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação**.


Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

NOME DA AUTORA: **HELENA SILVA DE OLIVEIRA**

TÍTULO DO TRABALHO: "**Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem**".

Assinaturas dos Examinadores:


Conceito:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Betanea Platzer (orientadora)  
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovada ( ) Reprovada

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Dirce Charara Monteiro  
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovada ( ) Reprovada

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica Pereira Pilon  
Universidade de Araraquara – UNIARA

Aprovada ( ) Reprovada

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 09/05/2019

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria Betanea Platzer (orientadora)

A minha família, base de tudo, que me fez percorrer a trajetória que escolhi enquanto educadora e a todos aqueles que lutam por uma Educação de Jovens e Adultos cada dia mais comprometida com o processo de formação humana e com a luta contra toda e qualquer forma de preconceito e exclusão social.

## AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos a DEUS, já que Ele colocou pessoas tão especiais ao meu lado, sem as quais certamente não teria dado conta.

À querida Profa. Dra. Maria Betanea Platzer que um dia no início do mestrado disse: “Quando você fala em EJA seus olhos brilham”. Obrigada por enxergar, estimular e encorajar em todos os momentos deste meu trabalho, referência profissional para esta minha trajetória. Obrigada por estar ao meu lado e acreditar em mim! Muitíssimo obrigada!

À Profa. Dra. Dirce Charara Monteiro, pela leitura criteriosa do trabalho e pelas importantes contribuições no exame de qualificação, e por ser tão participativa e amorosa com todos.

À Profa. Dra. Mônica Pereira, pela leitura criteriosa do trabalho e pelas valiosas contribuições no exame de qualificação. Adquiri mais conhecimento, por meio de sua experiência com a EJA.

Aos funcionários da secretaria do Mestrado Auciléia, Danilo e Luciana, por serem tão receptivos e atenciosos para conosco. Sempre prontos a nos ajudar!

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da UNIARA - Universidade de Araraquara -, muito obrigada pelo empenho em nos ensinar, fizeram-me enxergar que existem mais que pesquisadores e resultados por trás de uma dissertação, mas vidas humanas...

Aos meus amigos do Mestrado, que, pelos momentos divididos juntos, marcaram minha vida.

Aos alunos e professores, direção e coordenação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos- EJA, em razão deles é que esta dissertação se concretizou. Vocês merecem meu eterno agradecimento!

À equipe gestora da Secretaria Municipal da Educação, por terem permitido a realização deste trabalho.

Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

Paulo Freire é, com sua longa e brilhante trajetória na arte de educar, uma figura lendária. Não há outra pedagogia que a pedagogia do amor. E da inquietude: a pedagogia que situa a todos – homens e mulheres – na cornija do exercício de sua responsabilidade, de sua decisão sem ingerências externas, no fio exato das luzes e das sombras, entre o nevoeiro e o resplendor, aí aonde a liberdade é essência, cume e razão de cada vida.

Federico Mayor

## RESUMO

O presente trabalho teve como principal objetivo investigar a modalidade de ensino denominada Educação de Jovens e Adultos - EJA -, focando na relação professor-aluno e suas contribuições no processo de ensino e nas aprendizagens pelos educandos. Com base em documentos legais e em estudos que se debruçam sobre a referida temática, sobretudo, na abordagem freireana de educação, esta pesquisa de natureza qualitativa foi realizada em uma escola pública municipal, localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo, que atende alunos da EJA e que cursam uma sala de 5ª série (segundo segmento), no período noturno. Como forma de coleta de dados, aplicamos questionário para 16 alunos e 05 professores responsáveis pela turma. Em seguida, visando a aprofundarmos as discussões, realizamos entrevista semiestruturada com 04 alunos e 02 professores. A partir das informações obtidas, por meio dos questionários e das entrevistas semiestruturadas, iniciamos o processo de análise dos dados com base nas respostas dos educandos, organizadas em Eixos temáticos: Razões para a ausência escolar no período de ensino regular; Motivações para ingressá-lo na EJA; Aprendizagens na EJA; e, Dificuldades na EJA. Em se tratando das respostas dos professores, organizamos os seguintes Eixos Temáticos: Compreensão da EJA e seu papel nessa modalidade de ensino; Ensino e aprendizagem na EJA; e, Relação professor-aluno na EJA. Os resultados obtidos demonstram que a relação professor- aluno efetiva e contínua permite que o aluno se aproxime mais do professor. Fica evidente que a relação professor-aluno favorece o processo de ensino e aprendizagem, com maiores garantias de êxito, contribuindo desta forma para discussões sobre essa modalidade de educação, que necessita de pesquisas acadêmicas e políticas públicas, visando a promover uma educação com qualidade aos alunos matriculados na EJA. A partir dos resultados deste trabalho, por meio da Secretaria Municipal da Educação, há como proposta oferecer um curso de formação para os professores da EJA, tendo como um dos temas centrais a relação professor-aluno na EJA, com ênfase no processo de ensino e aprendizagem, assim como demais temas que surgiram durante a realização desta pesquisa. Intencionamos também a partilha deste trabalho no próximo Seminário de EJA, que será ofertado pela rede municipal de Educação.

**Palavras-chave:** Escolarização. Jovens e Adultos. Trabalho Docente.



## ABSTRACT

The main goal of this study was to investigate the teaching modality called Youth and Adult Education (YAE), focusing on the teacher-student relationship and its contributions to the teaching process and also to the students' learning. Based on legal documents and studies that focus on this theme, mainly on Paulo Freire's theory, this qualitative research was carried out at a municipal public school, which attends 5th grade learners at night, located in interior of state of São Paulo. First, the data were collected by applying a questionnaire to sixteen students and five teachers responsible for the class. Next, in order to go deep into the discussion, we conducted a semi structured interview with four students and two teachers. Then, we began the process of data analysis based on the responses of the students, organized in thematic axes: Reasons for absence from regular school; Motivations and Reasons to join YAE; Learning in YAE and Difficulties in YAE. Regarding to the teachers' responses, we organized the following Thematic Axes: Understanding YAE and its role in this teaching modality; Teaching and learning in YAE; and, Teacher-student relationship in YAE. The results obtained show that the effective teacher-student relationship allows the student to get closer to the teacher. It is evident that the teacher-student relationship favors the teaching and learning process, with greater guarantees of success, thus contributing to discussions about this modality of education, which requires academic research and public policies, aiming to promote a quality education to students enrolled in YAE. From the results of this research paper, through the Municipal Department of Education, it is proposed to offer a training course for EJA teachers, having as one of the central themes the teacher-student relationship in EJA, with emphasis on the teaching and learning process, as well as other themes that emerged during this research. We also intend to share this work at the next EJA Seminar, which will be offered by the municipal Education Department.

**Keywords:** Schooling. Youth and Adults. Teaching Work, YAE.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A proporção dos participantes da pesquisa entre homens e mulheres, matriculados na 5ª série no período noturno. ....	59
Figura 2: A proporção dos participantes da pesquisa referente à idade dos alunos matriculados na 5ª série no período noturno. ....	59

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2017.....	16
Quadro 2: Nome e idade de cada estudante da EJA.....	58
Quadro 3: Eixos temáticos – Estudantes da EJA .....	60
Quadro 4: Motivação para ingressar na EJA–Estudantes da EJA.....	61
Quadro 5: O tempo em que o estudante ficou fora da escola. Estudantes da EJA.....	63
Quadro 6: Participação da escola na vida profissional do aluno. Estudantes da EJA .....	65
Quadro 7: Aprendizagens conquistadas nesta modalidade – Estudantes da EJA .....	66
Quadro 8: O porquê de aprender a ler e a escrever – Estudantes da EJA .....	67
Quadro 9: A importância de aprender outros conhecimentos na escola–Estudantes da EJA.....	68
Quadro 10: O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. Estudantes da EJA .....	69
Quadro 11: Dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na EJA-Estudantes da EJA .....	70
Quadro 12: A importância dos professores para superação das dificuldades dos estudantes- Estudantes da EJA.....	71
Quadro 13: Avaliação do processo interação professor aluno para o sucesso da aprendizagem. Estudantes da EJA.....	72
Quadro 14: Se o aluno esclarece suas dúvidas com o professor. Estudantes da EJA. ....	73
Quadro 15: A disciplina preferida dos estudantes. Estudantes da EJA.....	74
Quadro 16: Perfil dos professores da EJA.....	77
Quadro 17: Eixos Temáticos – Professores da EJA .....	78
Quadro 18: Como o professor visualiza ensinar na EJA- Professores da EJA.....	79
Quadro 19: O papel do docente no processo de ensino e aprendizagens dos educandos. Professores da EJA.....	80
Quadro 20: Como o educador compreende a aprendizagem dos alunos. Professores da EJA.....	81
Quadro 21: Expectativas do educador em relação ao processo de aprendizagem dos alunos. Professores da EJA.....	82
Quadro 22: Principais dificuldades que o educador visualiza no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA. Professores da EJA.....	83
Quadro 23: Como o educador visualiza a importância a aprendizagem da leitura e da escrita pelos alunos da EJA. Professores da EJA.....	84
Quadro 24: Aprendizagens necessárias para os alunos que frequentam a EJA, além do código escrito. Professores da EJA.....	85
Quadro 25: Como é compreendida pelo educador a relação professor aluno na EJA. Professores da EJA.....	86
Quadro 26: Comentários dos professores sobre a relação professor aluno em sala de aula da EJA-5ª série/6º ano. Professores da EJA.....	87
Quadro 27: Outras questões que os educadores consideram importantes na relação professor aluno e o processo de ensino e aprendizagem na EJA. Professores da EJA.....	88

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E LEGISLATIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA - NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>20</b>
1.1 Apontamentos da história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no contexto brasileiro .....	20
1.2 Aspectos legais da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - EJA .....	29
<b>2. PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.....</b>	<b>42</b>
2.1 Paulo Freire: breve biografia.....	42
2.2 Uma vida de luta pela existência da Educação de Jovens e Adultos -EJA.....	44
<b>3 ALUNOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>48</b>
3.1 Ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos - EJA.....	48
3.2 Perfil dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos - EJA .....	49
3.2.1 Quem são os jovens da Educação de Jovens e Adultos - EJA? .....	51
3.2.2 Quem são os adultos da Educação de Jovens e Adultos - EJA? .....	52
3.3. Perfil do professor que atua na Educação de Jovens e Adultos - EJA.....	53
<b>4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>55</b>
4.1 Coleta de dados: participantes da pesquisa e principais instrumentos .....	56
<b>5 ADENTRANDO NO UNIVERSO DA PESQUISA: O QUE NOS REVELAM ALUNOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.....</b>	<b>58</b>
5.1 As vozes dos alunos da Educação de Jovens e Adultos- EJA .....	58
5.2. As vozes dos professores da Educação de Jovens e Adultos - EJA.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>99</b>
Apêndice A .....	99
Apêndice B.....	101
Apêndice C.....	102
Apêndice D .....	103
Apêndice E.....	105
Apêndice F .....	106

## INTRODUÇÃO

No contexto da sociedade atual, verificamos pessoas jovens e adultas em busca de maior escolarização, com o ingresso à escola ou o retorno à instituição depois de muito tempo fora dela. A procura pela escolarização permite, entre outras possibilidades, o acesso aos conhecimentos fundamentais para a inserção no mercado de trabalho e o fortalecimento da autoestima frente às tomadas de decisões. Segundo Charlot (2001, p.18):

A questão da relação com o saber é também aquela das formas de existência do saber. Isso quer dizer, sobretudo, que a escola não é apenas um lugar que recebe alunos dotados destas ou daquelas relações com o (s) saber (es), mas é também um lugar que induz a relação (s) com o (s) saber (es).

A compreensão dessa realidade levou Paulo Freire, ainda nos anos de 1960, a reconhecer o analfabetismo como uma questão não somente pedagógica, mas também social e política. É a mesma sabedoria que Freire (1996) nos mostra que educar a favor dos pobres é educar para a transformação da sociedade.

A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância (FREIRE, 1996, p.19).

Os jovens e adultos não escolarizados possuem uma característica comum, que é a baixa autoestima, marca da exclusão escolar.

Para Santos (2003, p.74):

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas do fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprenderem. A não aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social): outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico)

Sabemos que o sucesso escolar produz autoestima e um grande efeito de segurança no aluno. Nas salas de Educação de Jovens e Adultos - EJA - essas marcas se evidenciam cada vez mais, resultando em timidez, quando o aluno, por exemplo, não pergunta quando não sabe, com vergonha de ser excluído. O papel do professor é de suma importância e determinante para construir com o aluno o estreitamento de vínculos para seu sucesso pessoal. Para tanto, torna-se fundamental termos conhecimento dos direitos legais que possuem os alunos da EJA.

A promulgação da Constituição Federal de 1988, foi um marco importante para a EJA no Brasil porque significou a ampliação do dever do Estado em relação à garantia de ensino

fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive “aos que a ele não tiveram acesso na idade própria” (artigo 208), determinando que o mínimo de 50% dos recursos vinculados à educação (dos três níveis de governo) fosse aplicado em prol da eliminação do analfabetismo e universalização do ensino fundamental, dentro de dez anos (artigo 60 das Disposições Transitórias), conforme examina Beisiegel (1997).

Foi no capítulo IV da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - n.9.394/96 - que a EJA apareceu como modalidade de ensino. No que se refere ao Capítulo II, Da Educação Básica, a Seção V é dedicada à Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

Embora essa modalidade de ensino seja ofertada de forma gratuita e garantida pela legislação não quer dizer que atenda às exigências de forma específica.

Com base na legislação sobre a EJA, há novos caminhos a serem percorridos quanto ao atendimento dessa modalidade de ensino, permitindo o acesso à educação e priorizando a formação integral voltada para o desenvolvimento de capacidades e competências adequadas, formando cidadãos democráticos.

Diante desse contexto, tivemos como intenção nesta pesquisa, que se configura como dissertação de Mestrado, investigar práticas de ensino e aprendizagem na EJA, em especial, a relação professor e aluno com intuito de refletir sobre caminhos que favoreçam aprendizagens significativas aos educandos.

Consideramos de suma importância as contribuições de Paulo Freire para melhoria das ações dos educadores que atuam nas salas de aula da EJA; portanto, as ações desenvolvidas

com relação ao tema proposto, objeto desta pesquisa, tem como base especialmente as ideias apresentadas pelo autor.

Destacamos, nesse contexto, que a unidade escolar deve propor medidas direcionadas à redução da vulnerabilidade social dos jovens e adultos excluídos dos processos de escolarização contínua, com acolhimento, solidariedade e a valorização da autoestima do educando, respeitando sua aprendizagem anterior e sua experiência de vida. Importante destacar:

Reconhecer a diversidade e buscar formas de acolhimento requer, por parte da equipe escolar, disponibilidade, informações, discussões, reflexões e algumas vezes ajuda externa de outros profissionais. O acolhimento ao aluno envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada um como seu processo de socialização levando em conta, nas situações de ensino e aprendizagem, dúvidas e inquietações, realidades socioculturais, jornada de trabalho e condições emocionais decorrentes de exclusão escolar (BRASIL, 2002, p.88).

Esta breve análise nos permite refletir sobre a problemática do relacionamento entre professor e aluno na EJA, em que dados reforçam que se o aluno não for acolhido desiste da escola ou não desenvolve a aprendizagem necessária para o seguimento de seus objetivos. O prazer pelo aprender não é uma atividade espontânea, considerando que cabe ao professor dar voz aos alunos, respeitando suas limitações.

Na prática de ensino em sala de aula tem sido grande a dificuldade de lidar com alunos de diferentes idades, e diversas faixas etárias, a demanda por matrículas de jovens, dificultando também as ações por parte do professor em se tratando do atendimento, no mesmo espaço e tempo, dos diferentes níveis de conhecimentos e ritmos de aprendizagens.

Os alunos que frequentam a EJA, em muitos casos, apresentam grande dificuldade de alfabetização, na leitura e na escrita, principalmente os que chegam na 5ª série do ensino fundamental: o adulto pelo tempo em que ficou fora da escola, e os jovens, pela reprovação no ensino regular, com grande defasagem no ensino e aprendizagem. Nessa situação, se não houver um comprometimento e diálogo com o educador, o aluno não aprende e se afasta da escola.

Faz-se necessário um repensar sobre os diferentes motivos pelos quais esses alunos retornam à escola, entendendo suas dificuldades e motivações, contribuindo, assim, para sua aprendizagem. Devemos refletir sobre a prática do educador para com essa modalidade de ensino, pois excluir o jovem e o adulto na sala de aula pode desencadear novos bloqueios e interromper o fluxo de estímulos que os levaram a dar continuidade ao seu processo de formação. Um meio escolar, que visa ao desenvolvimento integral da pessoa em seu contexto

ambiental e social, apresenta condições de propiciar transformações nos comportamentos, sentimentos e pensamentos dos jovens e adultos, em decorrência da diversidade de relações estabelecidas com o conhecimento, com colegas de idades diferentes e com professores. Essa diversidade de relações também implica um processo construído pela conjunção de diferentes experiências que devem pertencer ao rol de atenção dos educadores, como afirma Debesse:

Esquecer ou renegar a adolescência seria uma derrota. Lastimá-la seria uma fraqueza. Adorá-la seria um erro. O que é preciso é que tudo o que ela tem de melhor se conserve em nós como uma força atuante, um exemplo vivo, um programa de ação a realizar. (DEBESSE, 1993, p.102)

Nesse sentido, a escola deve levar em conta que as necessidades do aluno, jovens e adultos, são de ordem diferenciada: motora, cognitiva, afetiva, social e minimizar qualquer uma delas significa impedir que a construção de conhecimento aconteça de forma prazerosa com diversidade em sala de aula. De acordo com a Proposta Curricular do 2º segmento da EJA (BRASIL, 2002, p.80) “os desafios da educação de jovens e adultos exigem do professor um olhar cuidadoso sobre as questões que norteiam a relação entre professor, aluno e conhecimento e podem interferir no sucesso escolar dos alunos”. O professor é peça fundamental neste processo através do diálogo, fator favorável para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Como nos ensina Freire (1997, p.109): "Por isto o diálogo é uma exigência existencial."

Para que os alunos possam exercer o direito à escolarização e o direito de serem acolhidos, partimos do princípio que deve ser a partir da palavra, do diálogo. É por meio do primeiro contato com o professor que leciona na EJA que os alunos da 5ª série poderão se sentir acolhidos e, se este contato não for positivo, o aluno poderá não retornar à escola. A possibilidade de manter um diálogo entre aluno e professor aumenta as expectativas de sucesso escolar. Conforme pontuado por Freire:

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando dos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições precise de falar a ele. (FREIRE, 1996, p. 128).

Partimos do princípio de que o processo de ensino e aprendizagem na EJA deve ser de forma diferenciada com acolhimento e solidariedade, não tratando os alunos como crianças que frequentam o ensino fundamental regular, e deve estar relacionado à conscientização e à participação, visto que alunos e professores fazem parte de um processo dialógico.



Segundo Gadotti (1999, p.2), "[...] o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida”.

Desde as discussões propostas por Paulo Freire caminhamos para uma educação democrática e libertadora, comprometida com a solidariedade, acolhimento e respeito ao outro às aprendizagens anteriores.

O interesse pelo tema proposto neste Projeto de Pesquisa surge da minha experiência como professora de EJA e, posteriormente como coordenadora da referida modalidade de ensino no município de Araraquara - SP, acompanhando a formação continuada de professores como também em conversas informais com os alunos e analisando os documentos escolares nos quais constam a evasão e desistência dos alunos nas salas de 5ª série nas reuniões de conselho/série/classe. Ao mesmo tempo, percebendo também que se trata de uma modalidade de ensino em processo de inclusão na sociedade, em que os alunos se perguntam, questionam o porquê o aprender na EJA é diferente, fica evidente que necessitamos de mais pesquisas nesta área focalizando nas relações entre aluno e professor, salientando a importância do respeito à experiência e à identidade cultural dos alunos e aos saberes construídos pelos seus fazeres.

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada em um município do interior de São Paulo, em uma sala de aula com 30 (trinta) alunos (as) matriculados, maiores de 18 anos, e 05 (cinco) professores que atuam nessa turma. No dia da aplicação do questionário estavam presentes 16 alunos e todos aceitaram participar da pesquisa. A coleta foi realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2018. A unidade escolar possui atendimento específico para EJA, nos períodos tarde e noite.

Verificamos, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, que em 2017, temos uma parcela muito grande de pessoas que não foram alfabetizadas com idade acima de 15 anos, ainda que essas pessoas possuem o direito de serem alfabetizadas de acordo com a legislação vigente no país.

**Quadro 1: Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2015.**

Por sexo	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
<b>Homens</b>	10,4	10,2	9,8	8,8	9,0	8,8	8,6	8,3
<b>Mulheres</b>	9,9	9,8	9,6	8,4	8,4	8,2	7,9	7,7
<b>Total</b>	10,1	10,0	9,7	8,6	8,7	8,5	8,3	8,0

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2015.

No Brasil, em 2017, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 7,0% (11,5 milhões de analfabetos). Se comparada a taxa de 2016 (7,2%), o número de pessoas de 15 anos ou mais que eram analfabetos apresentou uma redução de aproximadamente 300 mil pessoas (IBGE, 2017).

Como podemos constatar, temos atualmente uma parcela significativa da população que ainda não foi alfabetizada, e necessitamos de políticas públicas com ações significativas para sanar essa situação e, mesmo com resultados positivos com estes dados apresentados, a diminuição da taxa de analfabetismo ainda é muito lenta.

Vale destacar, conforme pontuado por Pereira (2011)

No entanto, se produz uma escolaridade insuficiente, com isso em grande contingente de pessoas não completam a escolaridade e, devido a esses fatores, são produzidos os analfabetos funcionais, ou seja, indivíduos que passaram pela escola, mas possuem um domínio insuficiente da leitura e da escrita para utilizar no seu cotidiano (PEREIRA, 2011, p. 51).

As questões de pesquisa surgem com base nessa trajetória vinculada à EJA: como se dá a aprendizagem dos alunos inseridos na 5ª série do ensino fundamental dessa modalidade de ensino? Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos? E os professores, como entendem o aluno da EJA? Como compreendem esse processo de ensino e aprendizagem?

O registro das ações desenvolvidas por essa modalidade da Educação Básica precisa constituir uma preocupação das Secretarias Municipais e Estaduais das diferentes instâncias do nosso sistema educacional. Conforme Haddad (2007):

Avançar numa concepção de EJA significa reconhecer o direito a uma escolarização para todas as pessoas, independentemente de sua idade. Significa reconhecer que não se pode provar parte da população, dos conteúdos e bens simbólicos acumulados historicamente e que são transmitidos pelos processos escolares. Significa reconhecer que a garantia do direito humano à educação passa pela elevação da escolaridade média de toda população e pela eliminação do analfabetismo (HADDAD, 2007, p. 14).

Apesar dos avanços estabelecidos em leis ou, no campo da EJA, ainda identificamos uma sociedade que limita o direito da pessoa adulta à escolarização, tornando-a precária. As dificuldades na leitura e escrita aparecem no início do 2º segmento da EJA, a 5ª série.

A EJA tem como função social a inclusão social, emancipatória e liberdade democrática entre jovens e adultos em nossa sociedade, proporcionando a inserção no mercado de trabalho, como também contribuindo para a socialização no processo de construção do conhecimento para o exercício da cidadania dentro de uma sociedade baseada na igualdade e diversidade.

Só as condições sociais podem explicar as reações dos estudantes em sala de aula, e para mudar essas condições é preciso mais do que nossa pedagogia democrática. Digo “democrática” no sentido que estamos usando esse termo aqui: o professor libertador que convida os alunos para a transformação, que ensina de modo dialógico, e não de modo autoritário, que dá o exemplo como estudioso crítico da sociedade (FREIRE; SHOR, 2011, p.222).

Para tanto, torna-se fundamental que os alunos que são inseridos na EJA sejam considerados iguais aos demais alunos de outras modalidades com direitos a uma educação de qualidade, permitindo sua inserção na sociedade de maneira digna.

Assim, questionamos: em que sentido a relação professor-aluno poderá favorecer o processo de aprendizagem dos educandos que frequentam a EJA? Como tornar essa modalidade de ensino atrativa para o educando? “Quanto mais exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 2011, p.83).

Diante desse contexto, o objetivo principal nesta pesquisa investigar a modalidade de ensino da EJA -, enfatizando especialmente a relação professor-aluno e suas contribuições no processo de ensino e nas aprendizagens pelos educandos. Focamos nosso estudo em uma turma de alunos da 5ª série (denominada segundo segmento dessa modalidade de ensino), em uma escola pública municipal situada em uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Em se tratando dos objetivos específicos, tivemos como intenção:

- mapear a idade dos alunos;
- mapear o perfil dos professores (formação, tempo de atuação no magistério, entre outros aspectos);
- verificar como alunos e professores da EJA, em específico na 5ª série do 2º segmento, visualizam essa modalidade de ensino, entendendo suas dificuldades, conquistas e motivações;

- investigar as expectativas que os professores possuem em relação à aprendizagem dos alunos;
- analisar as expectativas que os alunos apresentam em relação à escola;
- investigar, a partir da percepção dos educandos e dos educadores, de que forma os alunos aprendem e como se dá a relação professor-aluno em sala de aula.

O trabalho desenvolvido é de natureza qualitativa e utilizamos diferentes instrumentos de coleta de dados, entre eles, questionários e entrevistas semiestruturadas, conforme relataremos de maneira detalhada na seção dedicada à metodologia de ensino.

Para a análise de dados verificamos as respostas dos alunos por meio de um questionário com 12 questões dissertativas, que 16 alunos presentes no dia da atividade responderam. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 04 alunos que se propuseram a participar da pesquisa, assinando o termo de consentimento, além de informarmos o caráter voluntário de participação, e o total sigilo da identidade do participante.

Para análise de dados das respostas dos professores verificamos também as respostas mais recorrentes por meio de um questionário com 10 questões dissertativas, e que 05 professores responderam. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 02 professores que se propuseram a participar da pesquisa, assinando o termo de consentimento, além de informarmos o caráter voluntário de participação, e o total sigilo da identidade do participante.

O trabalho está organizado em cinco seções. Na primeira seção discorreremos sobre a história da EJA, desde o período do império até o presente momento, destacando ações que permeiam essa modalidade de ensino. Além disso, tratamos sobre a legislação e o suporte legal, como garantia às pessoas jovens e adultas em nosso país.

Na segunda seção, traremos, em linhas gerais, as contribuições de Paulo Freire para a modalidade de EJA, como referencial teórico.

Na terceira seção, tratamos de questões referentes aos alunos e professores da EJA, focando especialmente em seu perfil e no processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

Na quarta seção, apontamos as considerações sobre o percurso metodológico trilhado para a realização desta pesquisa, tendo como forma de coleta de dados questionários e entrevistas semiestruturadas, para alunos e professores da sala da 5ª série da EJA.

Na quinta seção evidenciamos a apresentação e análise dos dados sobre a pesquisa realizada. Organizamos eixos temáticos com o intuito de analisar os dados obtidos por meio da coleta, centrada nos dois principais instrumentos descritos anteriormente: questionário e entrevista semiestruturada.

Em seguida, tecemos algumas considerações finais com base no estudo desenvolvido.

Ao final do texto, foram inseridos os questionários aplicados aos professores e alunos, o roteiro das entrevistas semiestruturada e o Termo de Consentimento para os professores e alunos.

## **1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA E LEGISLATIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA - NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Na presente seção discorreremos sobre a história da EJA, de uma forma geral, destacando ações que permeiam essa modalidade de ensino. Enfatizaremos a história desde o período do império até o presente momento. Além disso, trataremos sobre a legislação e o suporte legal, como garantia às pessoas jovens e adultas em nosso país.

### **1.1 Apontamentos da história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no contexto brasileiro**

Como reflexões iniciais, pontuamos que “A primeira Constituição do Império já determinava, no seu artigo 179, item 32, a gratuidade da instrução primária a todos os cidadãos” (CARVALHO, 2009, p.15). Sob forte influência europeia, observamos a garantia de uma instrução primária e gratuita para todos os cidadãos, portanto também para os adultos, porém na prática, pouco ou quase nada foi realizado nesse sentido durante o período imperial. Ainda de acordo com a autora a iniciativa mais importante da década de 20 em relação à educação de adultos foi resultante da legislação de 1928, no Distrito Federal (CARVALHO, 2009).

De acordo com Carvalho (2009, p.17), “A reforma educacional de 1928 reorganizou os antigos cursos noturnos para adultos sob nova denominação: cursos populares noturnos”. Esses cursos visavam ao ensino primário em dois anos e orientações sobre higiene e conteúdos sobre a cultura geral. Em virtude da Revolução de 30, houve uma procura maior da clientela pelos cursos noturnos e, partindo desta data, começaram a surgir no país movimentos de educação de adultos, Movimentos de Cultura Popular, os Centros de Cultura, e em 1964, o Ministério da Educação, sob a responsabilidade do professor Paulo Freire, promove o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos.

Apesar da evolução no período de 1940 ainda restaram muitos analfabetos maiores de 15 anos, e algumas medidas foram necessárias ainda nos anos 40:

Em novembro de 1942, instituiu-se o Fundo Nacional de Ensino Primário (decreto nº 4.458, de 14/11/1942) cujos recursos deveriam alargar a rede de educação primária, incluindo o ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

Em 25 de agosto de 1945 foi baixado o decreto nº 15.513, que dispunha sobre a concessão de auxílio federal para o ensino primário, estabelecendo em seu artigo 4º que 25% dos recursos de cada auxílio deveriam ser

aplicados “num plano geral de ensino supletivo, destinado a adolescentes e adultos analfabetos” (Brasil, CEAA, 1947):

Na mesma época, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos dirigiu um apelo às autoridades do ensino no país, com o objetivo de organizar uma campanha em prol da educação de adolescentes e adultos. Além disso sugeriu medidas práticas para a ampliação dos serviços de ensino supletivo já existentes;

Finalmente em 1947, o Departamento Nacional de Educação (órgão do MEC - Ministério da Educação) organizou um serviço de Educação de Adultos. Delegados dos estados, territórios e distrito federal reuniram-se para o estudo das primeiras providências (CARVALHO, 2009, p. 18).

Devido a esses acontecimentos, o governo lançou as três primeiras campanhas de alfabetização entre os anos 1947 a 1963: “A criação de campanhas como a Campanha de Educação de Adolescente e Adultos (CEAA, de 1947), teve grande importância como fornecedora de infraestrutura aos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos” (BRASIL, 2002, p. 14).

Foram criadas dez mil classes de alfabetização em todo o país, distribuídas nas capitais e em cidades do interior. No lançamento dessa Campanha, o então ministro da Educação, Clemente Mariani, declarava objetivos educacionais mais amplos: a educação do povo nos melhores moldes democráticos” (BRASIL, CEAA,1949), que era educar o povo no modelo de democracia e não apenas alfabetizar, propondo classes de alfabetização” em que as pessoas tivessem acesso aos meios de comunicação, cinema livros e jornais (CARVALHO, 2009, p. 19).

Já para Manuel Lourenço Filho apud Carvalho (2009), a campanha foi um movimento de educação-base, a qual conceituava como:

[...] a que forneça a cada indivíduo os instrumentos indispensáveis da cultura de nosso tempo, em técnicas que facilitem essa cultura como a leitura, a escrita, a aritmética elementar, noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene, com os quais, segundo suas capacidades, cada homem possa desenvolver-se e procurar para si mesmo melhor ajustamento social. (LOURENÇO FILHO, 1949, p. 128 apud CARVALHO, 2009, p.19),

Como benefícios de ordem individual se esperava que a educação de base viesse colocar em evidência o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e permitir: o "gozo dos bens da civilização e da cultura” (CARVALHO, 2009, p.20).

Ainda, de acordo com Lourenço Filho (1949, p.125 apud CARVALHO, 2009, p.21), uma das justificativas para a campanha é que “onde a maioria do povo é analfabeto, há maiores índices de mortalidade infantil. ”

“Em síntese, a CEAA baseava-se em certos pressupostos equivocados que, por muito tempo, sustentaram as políticas públicas de combate ao analfabetismo” (CARVALHO, 2009, p.22).

De maneira geral, esta campanha não atingiu os objetivos de forma plena, pois se concluiu que a pessoa analfabeta é improdutiva do ponto de vista econômico, sendo um fator ruim para o progresso social, colocando o país em defasagem com os demais. De certa forma, embora a campanha não tenha tido sucesso, conseguiu alguns bons resultados, no que se refere a essa visão preconceituosa, que foi sendo superada a partir das discussões que foram ocorrendo sobre o processo de educação de adultos no país quebrando o círculo vicioso da pobreza e promovendo um consenso de valores sociais, cívicos e morais (CARVALHO, 2009).

Dois outras campanhas foram organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura: uma em 1952 - a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) -, e outra, em 1958, denominada Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). Ambas tiveram vida curta e pouco realizaram, de acordo com Sergio Haddad e Maria Clara Di Pierro (2000).

Para atender à sua finalidade geral, a CNER estabeleceu os seguintes objetivos: -a) pesquisar as condições socioeconômicas da vida no campo; b) preparar técnicos em educação de base; c) entrosar os diversos serviços educativos existentes no meio educativos existentes no meio rural; d) modernizar as técnicas de organização e de trabalho; e) melhorar os padrões educacionais, sanitários, assistenciais, cívicos e morais das populações; f) prestar orientação técnica e auxílio financeiro a instituições públicas e privadas que partilhassem dos objetivos da Campanha Nacional de Educação Rural (CARVALHO, 2009, p. 23).

A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER, 1948), segunda campanha inspirada numa experiência educacional mexicana denominada "missões rurais", compreendia ações conjuntas do Ministério de Educação e Saúde e do Ministério da Agricultura, cujo objetivo era não somente alfabetizar, mas, criando melhores condições de saúde, trabalho e produção, a principal finalidade desta campanha era “levar a educação de base ao meio rural brasileiro” e esta campanha seguia o modelo da primeira, de forma mais ampla, incluindo filmes educativos, palestras, panfletos, cartazes e livros, desenvolvendo com a população orientações sobre saúde, educação para o trabalho, orientações sobre cidadania, e os profissionais envolvidos eram do mesmo local (CARVALHO, 2009, p. 23).

Na CNER a educação de base ou educação fundamental era entendida como uma educação que não se limitava apenas à alfabetização, mas sim a criação de oportunidades de adquirirem noções de saúde como também participação na vida cultural, ou seja, educando



para a cidadania e ainda, de acordo com Osmar Fávero e Ana Karina Brenner (2007, p.4),na época entendia-se como “educação de base”:

[...] o conteúdo da escola primária, da boa escola primária de seis ou oito anos na Europa, proposto para aqueles que não tinham tido a oportunidade de escolarização na idade própria-naquele tempo, entre sete e dez anos. Esse conteúdo era muito amplo: ler, escrever e contar, noções de higiene e saúde, moral e civismo, noções de política.

Surgem então a partir da CNER, contradições quanto à EJA: de um lado os esforços para uma educação com boa qualidade e, de outro lado, campanhas de alfabetização nas quais os alfabetizadores apenas recebiam orientações quanto ao ensinar as primeiras letras com material de baixa qualidade, e em espaços que estariam ociosos, conforme aponta Carvalho (2009).

Devido às pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos,(INEP) com os resultados e a incerteza da eficácia das campanhas de alfabetização, foi criada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA, 1958), representando uma nova forma para alfabetizar as pessoas, não sendo uma campanha com a maioria, mas de uma esfera reduzida destinada ao aperfeiçoamento na educação de base para adolescentes, adultos e jovens, como também na continuidade da escolarização primária regular.

Ainda de acordo com a autora Carvalho (2009, p.27):

Justificando a posição da CNEA de atribuir prioridade ao ensino primário regular, observe-se que, entre as causas próximas do elevado percentual de analfabetismo, a mais evidente era a incapacidade do sistema educacional primário para prover um fluxo regular de alfabetização nas idades próprias.

Foi criado, no governo Kubitschek, um plano-piloto em caráter experimental para o CNEA, de maneira controlada para que se pudesse verificar os resultados da erradicação do analfabetismo para, posteriormente, ser implantado em nível nacional, sendo considerado um momento histórico.

Moreira, afirma que:

[...] Consideramos, de modo geral, uma vergonha o alto índice de analfabetos que ainda apresentamos. Reconhecemos em consciente autocrítica que, apesar de ter havido progresso notável do crescimento do nosso sistema escolar, este não satisfaz os nossos anseios de propiciar educação. (MOREIRA, 1960, p.8 apud CARVALHO, 2009, p. 31)

A forma como se julgava o analfabeto já não aparecia mais nos estudos da CNEA, de acordo com Carvalho:

[...] ao contrário, a tônica foi a explicação do analfabetismo como variável dependente das condições econômicas adversas, do isolamento cultural e da

falta de funcionalidade da alfabetização no interior das regiões mais pobres. (CARVALHO, 2009, p. 31)

No plano de política de lutas para acabar com o analfabetismo, as três campanhas apresentaram propósitos e concepções diferentes, que destacamos a seguir com base nos estudos de Carvalho (2009).

A CEAA tinha uma proposta de erradicar o analfabetismo em pouco tempo com a instalação de dez mil salas de aula, em todos os lugares, utilizando material comum em todo território nacional. Como os resultados eram insatisfatórios, surgiu a CNER, envolvendo as comunidades com tratamento diferenciado nas áreas de saúde e trabalho. Após, criou-se a CNEA, que passou a valorizar o trabalho com a alfabetização propondo professores com formação, estrutura adequada e material de qualidade, mas não serviu de modelo, sendo que uma parte da população não tinha acesso à escola por falta de vagas.

“Em 1963, as três campanhas de alfabetização de adultos (CEAA, CNER e CNEA), que já não correspondiam à nova maneira de compreender o fenômeno do analfabetismo e às preocupações políticas do período foram extintas” (CARVALHO, 2009, p.36).

Os autores Haddad e Di Pierro (2000, p.111) chamam de: “período de luzes da educação de adultos”, o intervalo que vai de 1959 após a realização do II Congresso de Educação de Adultos a 1964, quando se deu o golpe militar. Os autores mencionam movimentos relevantes que ocorreram neste período: Movimento de Educação de Base, Movimento de Cultura Popular do Recife, os centros Populares de Cultura da União Nacional, dos Estudantes (UNE), a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, e por fim o Programa Nacional de Alfabetização do MEC-Ministério de Educação e Cultura, com a participação de Paulo Freire. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 111)

Segundo Haddad e Di Pierro (2000):

Já em 1958, quando da realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, ainda no contexto da CEAA, percebia-se uma grande preocupação dos educadores em redefinir as características específicas e um espaço próprio para essa modalidade de ensino (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 112).

Repercutia neste Congresso uma nova forma de pensar pedagógico com adultos com base em Paulo Freire (1996).

Neste Congresso que se deu entre 06 e 16 de julho de 1958, ano em que Juscelino Kubitschek se afirmava enquanto força no poder e se mostrava preocupado com as misérias de nosso povo. Queria e precisava dar soluções para os problemas sociais, entre eles o educacional. Tentou resolvê-los dentro dos marcos do populismo, a ideologia privilegiada de então. Mas as ideias, o discurso e a prática de Freire já se faziam por um caminho autenticamente popular (FREIRE, 1996, p.36).

Destacamos que o evento mais importante na alfabetização de jovens e adultos foi o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação, por todo o Brasil, de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire.

Na década de 60, a referência principal para a constituição de um novo paradigma teórico e pedagógico foi dada pelo educador Paulo Freire, cujo papel fundamental no desenvolvimento da EJA no Brasil, ao destacar a importância da participação do povo na vida pública nacional e o papel da educação para sua conscientização. As iniciativas de educação popular eram organizadas a partir dos trabalhos que levavam em conta a realidade dos alunos, implicando a renovação de métodos e procedimentos educativos (BRASIL, 2002, p.15).

Em 1964, estava prevista a instalação de 20 mil círculos de cultura para 2 milhões de analfabetos (FREIRE, 1996). Esta iniciativa foi cancelada devido ao golpe militar, persistindo novos métodos para alfabetizar em locais disponíveis com intenções políticas e concepções da educação popular. A partir desta experiência criou-se o método Paulo Freire.

Morando no Recife em 1962, Freire trabalhava na Divisão de Extensão da Universidade de Pernambuco e procurava desde então encurtar a relação entre a universidade e a educação popular, valorizando cada vez mais o analfabeto adulto que apesar de não saber ler e escrever, possuía experiência de vida, e que ao ser alfabetizado o libertaria da opressão, assegurando os direitos políticos, sociais e econômicos, uma educação libertadora (CARVALHO, 2009).

Ensinar o jovem e o adulto a ler e a escrever não poderia ser da mesma forma que se ensina crianças ou até mesmo utilizar materiais didáticos com figuras como de uma cartilha infantil, fora do universo do aluno da EJA, conforme deveriam ser as classes de alfabetização:

[...]as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas de significação de sua experiência existencial, e não da experiência do educador (FREIRE, 2006, p.20).

A proposta de alfabetização iniciou-se por meio da palavra geradora, de caráter político social, ilustrados com cartazes ou slides, partindo anteriormente de diálogos com os alunos sobre cultura, trabalho, arte, religião, com diferentes padrões sociais. “Era apresentado um quadro com as famílias silábicas com as quais os alfabetizandos deveriam montar novas palavras” (BRASIL, 2001, p.25).

A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer sua palavra: E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora (FREIRE, 2011, p. 28).

Com relação ao método, Paulo Freire afirma que:

O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político do pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política, e acrescenta que é uma educação como prática da liberdade (FREIRE, 2011, p. 29).

O percurso de Paulo Freire desde então dentre sua participação em movimentos populares deu-lhe renome internacional.

O Plano Nacional de Alfabetização, que deveria ter abrangência nacional, foi oficializado em janeiro de 1964 e só durou alguns meses, pois o presidente João Goulart enfrentou oposição e foi deposto em 31 de março de 1964. Uma junta militar assumiu o poder...Freire foi considerado subversivo e preso pelas autoridades. Exilou-se primeiro na Bolívia, passando para o Chile, e dali para outros países (CARVALHO, 2009, p.41).

Ainda, de acordo com a autora Carvalho (2009), em contraste com o “período de luzes”, os movimentos populares tiveram dias difíceis durante o período militar.

Com o golpe militar de 1964, os programas de alfabetização e educação popular que haviam se multiplicado no período entre 1961 e 1964 foram vistos como uma grave ameaça à ordem e seus promotores duramente reprimidos. O governo assumiu e permitiu a realização dos programas de alfabetização de adultos que eram assistencialistas, até 1967, em que ele mesmo assumiu o controle dessa atividade lançando o Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização.

Era a resposta do regime militar à ainda grave situação do analfabetismo no país. O Mobral constituiu-se como organização autônoma em relação ao Ministério da Educação, contando com um volume significativo de recursos. Em 1969, lançou-se numa campanha massiva de alfabetização. Foram instaladas Comissões Municipais, que se responsabilizavam pela execução das atividades, mas a orientação e supervisão pedagógica bem como a produção de materiais didáticos eram centralizadas (CARVALHO, 2009).

As orientações metodológicas e os materiais didáticos do Mobral reproduziram muitos procedimentos consagrados nas experiências de inícios dos anos 60, mas esvaziando-os de todo sentido crítico e problematizador. A proposta de alfabetização era através de palavras-chave que faziam parte da vida simples da população, mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço de cada um para sua integração nos benefícios de uma sociedade moderna, com a visão de uma vida perfeita. (RIBEIRO, 1997)

Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 115):

O Mobral foi implantado com três características básicas: a primeira delas foi o paralelismo em relação aos demais programas de educação, material

didático, os limites de alunos, onde os próprios alfabetizadores buscavam seus alunos. A segunda foi a descentralização operacional, e a terceira a centralização do processo educativo através dos responsáveis pelo MOBRAL Central.

As três características ainda de acordo com os autores, convergiam para criar uma estrutura adequada ao objetivo político de implantação de uma campanha de massa com controle doutrinário: descentralização com uma base conservadora para garantir a amplitude do trabalho; centralização dos objetivos políticos e controle vertical pelos supervisores; paralelismo dos recursos e da estrutura institucional, garantindo mobilidade e autonomia.

No período de 1973, a certificação ficou sob a responsabilidade do Movimento e a partir de 1976, das Secretarias Municipais e Estaduais. “O Movimento colocava-se fora do controle dos organismos públicos estaduais e municipais de administração” (HADDAD, DI PIERRO, 2000, p.115).

O MOBRAL aconteceu em quase todas as cidades brasileiras, e, em seu término, houve grandes tensões políticas, tendo sido extinto em 1985 (CARVALHO, 2009).

Após essa última campanha surgiu no Governo Sarney a Fundação Educar, que assumiu grande parte dos programas do MOBRAL e que passou a fazer parte do Ministério da Educação-MEC, ficando apenas na supervisão. No governo de Fernando Collor (1990-1992) foi extinta a Fundação Educar, criando então um Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania, sem interferência e supervisão do governo. De 1992 a 1995 no governo do então Itamar Franco não foram apresentadas campanhas de alfabetização. Já no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) foi lançado o Programa Alfabetização Solidária. (PAS). Uma característica deste programa é o sistema de parceria entre Estado e sociedade civil, sendo que o método era se valer da solidariedade do povo para alfabetizar os mais necessitados, tirando desta forma a responsabilidade do Estado. No final do governo FHC em 2002, o programa deixou de ser oficial e uma associação de apoio com o nome de Comunitas, assumiu o controle tendo como presidente Ruth Cardoso que assumiu a liderança (CARVALHO 2009).

A coordenação afirma que nos três primeiros anos de funcionamento o PAS chegou a 866 municípios e atendeu 776 mil alunos, dos quais menos de um quinto adquiriu a capacidade de ler e escrever pequenos textos, resultado atribuído pelas universidades ao tempo demasiadamente curto previsto para a alfabetização. Manejando um conceito operacional de alfabetismo muito estreito o PAS corre o risco de redundar em mais uma campanha fracassada de alfabetização se não assegurar que os egressos tenham oportunidades de prosseguir estudos nas redes públicas de ensino (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 124).

No início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, já existia um descaso em relação à educação fundamental pública e o número de analfabetos e fracasso escolar

aumentavam proporcionalmente. Neste período, as estatísticas demonstravam as dificuldades que precisavam ser superadas. Alguns programas como Bolsa Família podiam contribuir para a escolarização dos mais necessitados, e o benefício era atrelado à frequência escolar, mas as desigualdades na educação continuavam, como também os baixos resultados na qualidade de ensino, colocando o Brasil no mesmo nível que nações mais pobres e mais atrasadas (CARVALHO, 2009).

Nesse contexto, o Programa Brasil Alfabetizado foi instituído oficialmente, sendo criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, no âmbito do Ministério da Educação, para geri-lo. Seu primeiro desenho, elaborado em 2003, já recebeu os influxos positivos de sua classificação como meta presidencial: houve um aumento real, de aproximadamente 50%, no aporte de recursos destinados à alfabetização de jovens e adultos, quando comparado ao montante de recursos investidos pelo Governo Federal em programas de alfabetização no ano anterior. No ano de 2003, as ações do Programa Brasil Alfabetizado previam o repasse de recursos para Estados, Distrito Federal, municípios, organizações não-governamentais, instituições de ensino superior e outras entidades sem fins lucrativos, destinando recursos para o pagamento de formação e de bolsas para os alfabetizadores. O financiamento, restrito a essas duas linhas, visava subsidiar a constituição de turmas de alfabetização, cujas atividades deveriam ter seis meses de duração (HENRIQUES, 2006. p.31).

A partir de 2004, o Programa Brasil Alfabetizado passa a incorporar, em seus princípios e ações, métodos para garantir a continuação de estudos: àqueles que saíram das turmas de alfabetização de jovens e adultos assim como a cidadãos com baixa escolaridade, afastados por muito tempo do ambiente escolar, e às pessoas sem escolarização anterior que passam a ser estimuladas a matricularem-se em turmas de EJA. O estímulo à continuidade de estudos passa a ser uma das estratégias fundamentais do Programa Brasil Alfabetizado, representando uma parte decisiva na tentativa de garantir a sustentabilidade dos resultados obtidos pelo programa. Isso porque, há muito se sabe que um dos principais fatores que influencia a grande reincidência à condição de analfabetismo, ou seja, egressos das turmas de alfabetização, que concluíram com êxito o curso, afastam-se do ambiente educacional e, algum tempo depois, retornam ao analfabetismo ou, no máximo, matriculam-se novamente em turmas de alfabetização é consequência da perda prematura pelo aluno do contato com atividades rotineiras de leitura e escrita (HENRIQUES, 2006).

O mesmo autor relata que, neste mesmo cenário , o modelo do Programa Brasil Alfabetizado caminha por duas dimensões: por um lado, permite, através do aproveitamento da capacidade das instituições parceiras, a constante concentração de alfabetizandos e alfabetizadores para formar turmas de alfabetização; por outro, permite uma legítima

integração entre alfabetização e educação de jovens e adultos, aprofundando a ação governamental e evitando que o aluno recém-alfabetizado retorne à situação de analfabeto.

O Programa Brasil Alfabetizado hoje não é o mesmo do início de sua criação. Sofreu várias modificações ao longo dos anos para tentar apaziguar as contradições colocadas, mas sempre sem romper com a lógica de uma política baseada em programas e campanhas (paralelas e desarticuladas com os Sistemas de Educação). Enfim, modifica-se o que é periférico, mas deixa-se intacto o que de fato é estrutural (SILVEIRA, RÊSES, PEREIRA, 2017, p. 27).

Mesmo ao longo de dez anos, o Programa Brasil Alfabetizado tem passado por mudanças, mas sem sinal de término, mesmo que atualmente tenha diminuído a oferta para muitos municípios.

## **1.2 Aspectos legais da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - EJA**

O ponto de partida, para as reflexões apresentadas neste tópico, é a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, mesmo que tenham acontecido medidas legais anteriores a este momento na História da Educação de Jovens e Adultos em nosso país.

No Título I dos Princípios Fundamentais, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, verificamos:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I- a soberania;
- II- a cidadania;
- III- a dignidade da pessoa humana;
- IV- os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V- o pluralismo político (BRASIL, 1988).

Obviamente são os direitos individuais ligados ao conceito da pessoa humana e a sua personalidade, tais como a vida, a igualdade, a dignidade, a honra, a segurança, a propriedade e a liberdade, como também os direitos coletivos: que representam os direitos do homem integrante de uma coletividade.

No que se refere ao Título II, dos Direitos e Garantias Fundamentais, em especial no Capítulo II, dos Direitos Sociais, observamos:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à

maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015) (BRASIL, 1988).

Ao responsabilizar o Estado pelo provimento da educação, a Constituição traz consigo o significado de que ele deve fornecer todos os equipamentos para oferecer ensino à população.

No Título III, Da Organização do Estado, no Capítulo II, da União, no Artigo 22, entre outros aspectos, compete à União legislar sobre: “XXIV- diretrizes e bases da educação nacional” (BRASIL, 1988).

Ainda no artigo 23, fica acordado que é da responsabilidade comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, entre outros fatores: “V-Proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015) ” (BRASIL, 1988).

Já no Artigo 24 fica determinado que é de responsabilidade da União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar ao mesmo tempo sobre: “IX-educação, cultura, ensino, desporto, ciência, tecnologia, pesquisa, desenvolvimento e inovação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015) ” (BRASIL, 1988).

No Capítulo IV, Dos Municípios, em especial no Artigo 30, que lhes compete destacamos: “VI- Manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006) ” (BRASIL, 1988).

Destacamos no Capítulo III, da Educação, Da Cultura e do Desporto, na Seção I, Da Educação, o Artigo 205, que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

No artigo 206, averiguamos que:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I- Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte o saber
- III-Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV-Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;



V- Valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI-Gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII-Garantia de padrão de qualidade.

VIII-Piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006) (BRASIL, 1988).

Destacamos também:

Art. 208. O dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I-Educação básica obrigatória e gratuita dos 4(quatro) aos 17 (dezesete) anos e idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

II-Progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14 de 2996)

III-Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV-Educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5(cinco) anos de idade; (redação dada pela Emenda Constitucional nº 53 de 2006)

V-Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI-Oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII-Atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59 de 2009);

1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo

2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

3º. compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola (BRASIL, 1988).

Já no artigo 211, verificamos que: “Art.211. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino” (BRASIL, 1988).

No artigo 212, consta que:

Art.212. A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1988).

Evidencia-se no artigo 214 que:

Art.214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59 de 2009)

I-erradicação do analfabetismo;

II-universalização do atendimento escolar;

III-melhoria da qualidade de ensino;

IV-formação para o trabalho;

V-promoção humanística, científica e tecnológica do País;

VI-estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto (Incluído pela Emenda Constitucional nº 59 de 2009) (BRASIL, 1988).

Constatamos no Título X, Ato das Disposições Constitucionais Transitórias:

Art.60. Até o 14º (décimo quarto) ano a partir da promulgação desta Emenda Constitucional, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios destinarão parte dos recursos a que se refere o caput do art.212 da Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento da educação básica e à remuneração condigna dos trabalhadores da educação, respeitadas as seguintes disposições: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006) (Vide Emenda Constitucional nº 53 de 2006) (BRASIL, 1988).

São notórias as medidas da Constituição da República Federativa do Brasil com relação ao campo da educação, entre elas, a erradicação do analfabetismo e a universalização do atendimento escolar. Constatamos que a Educação Básica deverá ser obrigatória e gratuita dos quatro anos aos dezessete anos de idade, assegurando a oferta gratuita a todas as pessoas que não tiveram acesso na idade própria e é ressaltado, nesse quadro, o atendimento aos educandos (em todas as etapas da Educação Básica), por meio de programas suplementares (material didático, transporte, alimentação e assistência à saúde); entretanto, ainda encontramos uma parcela significativa da população fora da escola.

Conforme o cenário apresentado, consideramos que se faz de suma importância que o educador em sua formação (inicial e continuada) docente e atuação profissional adquira conhecimentos sobre os aspectos legais da EJA, como também as especificidades desse público. “Reeducar o olhar docente para ver os educandos e as educandas em suas trajetórias não apenas escolares, mas também de vida, sua condição de sujeitos sociais e culturais, de direitos totais” (ARROYO, 2001, p. 121).

Prosseguindo sobre demais aspectos legais que dão suporte a essa modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- 9.394 (LDBEN) de 1996, que se encontra em vigor:

Art. 21- A educação escolar compõe-se de:

- I-Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e médio;
- II-Educação superior (BRASIL, 1996).

Da educação Básica no capítulo II, constatamos a Seção V, destinada à Educação de Jovens e Adultos:

Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

& 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames.

& 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

& 3º A educação de jovens e adultos de verá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008)

Art.38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

& 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II- no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos,

& 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

Por meio da Lei 9.394/1996, é clara a gratuidade dos sistemas de ensino para este público. Quando pensamos em pessoas jovens e adultas em nossa sociedade, podemos destacar poucos avanços conquistados e a intensa movimentação em torno da EJA em busca de políticas públicas. Algumas resoluções e alguns pareceres têm colaborado como garantia dos direitos das pessoas jovens e adultas e a forma em como desenvolver a aprendizagem, como se destacam nos documentos aqui expostos.

A Resolução CEB, de nº 2, de 07 de abril de 1998, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, pontuando a importância das relações estabelecidas na unidade escolar:

Art.3º...

II- Ao definir suas propostas pedagógicas, as escolas deverão explicitar o reconhecimento da identidade pessoal dos alunos, professores e outros profissionais e a identidade de cada unidade escolar e de seus respectivos sistemas de ensino.

III- As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento com os de linguagem e os afetivos, em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado; as diversas experiências de vida de alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidades afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações autônomas e solidárias em relação a conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã (BRASIL, 1998).

O processo de aprendizagem pode ser beneficiado quando professor e aluno buscam conhecimentos mútuos de suas necessidades, tendo consciência de sua forma de relacionar-se, respeitando as diferenças e aprendendo com base na própria experiência.

A Proposta Curricular para Jovens e Adultos 2º segmento (BRASIL, 2002, p. 21), reafirma a declaração de Jomtien, segundo a qual:

[...] toda criança, jovem e adulto tem direito humano de se beneficiar de uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser. É uma educação que se destina a captar os talentos e o potencial de cada pessoa e desenvolver a personalidade dos alunos, para que possam melhorar suas vidas e transformar suas sociedades[...] assegurar que as necessidades de aprendizagens de todos os jovens sejam atendidas pelo acesso equitativo à aprendizagem apropriada, à habilidade para a vida e a programas de formação para a cidadania.

Apesar de avanços estabelecidos em leis ou resoluções, no campo da Educação de Pessoas Adultas, ainda identificamos uma sociedade que limita o direito da pessoa adulta à escolarização e é na relação professor aluno que verificamos o sentido e a importância de garantir que os alunos da 5ª série /6º a permaneçam na escola com os objetivos de conclusão do ensino fundamental e de dar continuidade aos estudos.

Segundo o Parecer nº 1, de 10 de maio de 2000 do CNE, a educação de jovens e adultos possui três funções como consta na Proposta Curricular 2º segmento (5ª a 8ª séries): reparadora, equalizadora e qualificadora, já mencionadas na introdução este trabalho.

Reparadora enquanto direito às pessoas a uma escola de qualidade, surgiu de uma dívida social que o país tem com jovens e adultos por vários motivos, especificamente sociais e a legalização de qualquer ser humano.

Equalizadora, trata-se da igualdade de oportunidades, favorecendo através dos estudos a inserção no mundo do trabalho, vida social.  
Qualificadora, referindo-se à educação permanente baseando-se no caráter do ser humano (BRASIL, 2002, p. 18).

Em 19 de dezembro de 2006 é promulgada a Emenda Constitucional nº 53, que dá nova redação aos artigos da Constituição Federal e ao artigo 60 das disposições Constitucionais Transitórias, instituindo o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação- FUNDEB, que pode ser considerado um importante marco para a educação de jovens e adultos, pois representa uma conquista ao se considerar que resgata no campo do financiamento público da educação, o princípio da educação básica como um direito de todos, em todas as modalidades, pois passa a incluí-las.

Artigo 60 & 4º “Para efeito de distribuição de recursos dos Fundos a que se refere o inciso I do caput deste artigo, levar-se-á em conta a totalidade das matrículas no ensino fundamental e considerar-se-á para a educação infantil, para o ensino médio e para a educação de jovens e adultos 1/3 (um terço) das matrículas no primeiro ano, 2/3 (dois terços) no segundo ano e sua totalidade a partir do terceiro ano” (BRASIL, 2006).

A Lei nº 11.494, sancionada em junho de 2007, que regulamenta o Fundo, em seu artigo 11, determina ainda que a educação de jovens e adultos não poderá comprometer mais que 15% do montante de recursos depositados no Fundo, ou seja, a educação de jovens e adultos é a única que continua, e legalmente, sofrendo restrições orçamentárias.

Art. 11. A apropriação dos recursos em função das matrículas na modalidade de educação de jovens e adultos, nos termos da alínea c do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT, observará, em cada Estado e no Distrito Federal, percentual de até 15% (quinze por cento) dos recursos do Fundo respectivo (BRASIL, 2007).

Por muito tempo as pessoas jovens e adultas aguardavam o direito de estudar, em todo território nacional, através de lutas para que o poder público reconhecesse a gratuidade ao ensino fundamental para todos.

Segundo Arroyo (2017, p.121):

Talvez os jovens-adultos levem vivências de repressão a suas lutas por direitos coletivos. Os noticiários dessas lutas reprimidas fazem parte do seu cotidiano. Vivências que exigem ser trazidas e aprofundadas, como por exemplo: as recentes lutas dos movimentos juvenis por transporte, por teto, terra e até por escola: as ocupações de escolas.

Podemos citar outras lutas dos jovens e adultos trabalhadores do campo, dos indígenas, negros, quilombolas, movimento feminista, movimento estudantil. São nossos

alunos participantes destes movimentos, se instalando as diferenças, mas lutam por um reconhecimento político por serem pessoas coletivos de direitos, sociais, culturais e econômicos. Uma busca constante pela “aprendizagem ao longo da vida”, que foi o tema da VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confinteia). O texto da VI Confinteia (2009, p. 25) afirma que:

O Governo Brasileiro entende a VI CONFINTEA como uma oportunidade estratégica para desencadear processos articulados de fortalecimento nacional da EJA. Para tanto, planejou um processo preparatório que inclui: a) oficinas regionais de formação em organização e análise de dados para o diagnóstico da EJA nos estados, nas quais participaram representantes das secretarias estaduais e municipais (capital) da educação, comitês estaduais ou gestores da educação do campo, fóruns de EJA, UNDIMEs, universidades; b) encontros estaduais; c) cinco encontros regionais; d) encontro nacional. Tais processos, entretanto, não devem se encerrar com a realização do evento em 2009, mas ter continuidade através da articulação e diálogo construídos no bojo deste processo com governos estaduais e municipais, universidades e sociedade civil, com destaque para os fóruns estaduais de EJA.

Tornaram-se de suma importância as Conferências Internacionais de Educação de Adultos (Confinteia) desde 1949, em que os Estados membros se comprometam a promover a agenda de aprendizagem e da educação de adultos, como também demais eventos que fortaleceram a EJA.

Com base nos estudos de Feitosa (2015, p. 24):

Embora a trajetória da EJA e os problemas que ainda persistem nesta modalidade revelem em cenário pouco animador, vale ressaltar alguns avanços nas últimas duas décadas. Dentre eles, destacam-se o surgimento e fortalecimento dos fóruns de EJA, a partir de 1996, e a criação de espaços para discussão e encaminhamento de propostas para subsidiar as políticas públicas, como os Encontros Nacionais de EJA-ENEJAs, que acontecem desde 1999 até os dias atuais, os Encontros Nacionais dos MOVAs já em sua 10ª edição e os Seminários Nacionais de Formação que ocorrem a partir de 2006 e agora em 2015 completam sua quinta edição.

Em prosseguimento aos estudos há várias referências de aspectos legais, destacando os direitos com diversas ações necessárias para que a EJA seja contemplada de forma efetiva como destacamos no Plano Nacional de Educação - PNE-Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014:

Artigo 2:

I-Eradicação do analfabetismo;

II-universalização do atendimento escolar;

III-superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV-melhoria da qualidade da educação

V-promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;

- VI-promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII-promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;
- VIII-estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto-PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX-valorização dos (as) profissionais da educação;
- X- Promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 2014).

No documento constam 20 Metas e Estratégias e, entre elas, destacamos a oitava, a nona e a décima. Pontuamos na Meta 8:

Meta 8: elevar a escolaridade média da população de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos, de modo a alcançar, no mínimo, 12 (doze) anos de estudo no último ano de vigência deste Plano, para as populações do campo, da região de menor escolaridade no País e dos 25% (vinte e cinco por cento) mais pobres, e igualar a escolaridade média entre negros e não negros declarados à Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE.

Estratégias:

- 8.1) institucionalizar programas e desenvolver tecnologias para correção de fluxo, para acompanhamento pedagógico individualizado e para recuperação e progressão parcial, bem como priorizar estudantes com rendimento escolar defasado, considerando as especificidades dos segmentos populacionais considerados;
- 8.2) implementar programas de educação de jovens e adultos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial;
- 8.3) garantir acesso gratuito a exames de certificação da conclusão do ensino fundamental e médio;
- 8.4) expandir a oferta gratuita de educação profissional técnica por parte das entidades providas de serviço social e de formação profissional vinculadas ao sistema sindical, de forma concomitante ao ensino ofertado na rede escolar pública, para os segmentos populacionais considerados;
- 8.5) promover, em parceria com as áreas de saúde e assistência social, o acompanhamento e o monitoramento do acesso à escola, específicos para os segmentos populacionais considerados, identificar motivos do absenteísmo e colaborar com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios para a garantia de frequência e apoio à aprendizagem, de maneira a estimular a ampliação do atendimento desses (as) estudantes na rede pública regular de ensino;
- 8.6) promover busca ativa de jovens fora da escola pertencentes aos segmentos populacionais considerados, em parceria com as áreas de assistência social, saúde e proteção à juventude (BRASIL, 2014).

Pontuamos também na meta 9:

Meta 9: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional.

Estratégias:

- 9.1) assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria;

- 9.2) realizar diagnóstico dos jovens e adultos com ensino fundamental com ensino fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda ativa por vagas na educação de jovens e adultos;
- 9.3) implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica;
- 9.4) criar benefício adicional no programa nacional de transferência de renda para jovens e adultos que frequentarem cursos de alfabetização;
- 9.5) realizar chamadas públicas regulares para a educação de jovens e adultos, promovendo-se busca ativa em regime de colaboração entre entes federados e em parceria com organizações da sociedade civil;
- 9.6) realizar avaliação, por meio de exames específicos, que permita aferir o grau de alfabetização de jovens e adultos com mais de 15 (quinze) anos de idade;
- 9.7) executar ações de atendimento ao (à) estudante da educação de jovens e adultos por meio de programas suplementares de transporte, alimentação e saúde, inclusive atendimento oftalmológico e fornecimento gratuito de óculos, em articulação com área da saúde;
- 9.8) assegurar a oferta de educação de jovens e adultos, nas etapas de ensino fundamental e médio, às pessoas privadas de liberdade em todos os estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração.
- 9.9) apoiar técnica e financeiramente projetos inovadores na educação de jovens e adultos que visem ao desenvolvimento de modelos adequados às necessidades específicas desses (as) alunos (as);
- 9.10) estabelecer mecanismos e incentivos que integrem os segmentos empregadores, públicos e privados, e os sistemas de ensino, para promover a compatibilização da jornada de trabalho dos empregados e das empregadas com a oferta das ações de alfabetização e de educação de jovens e adultos;
- 9.11) implementar programas de capacitação tecnológica da população jovem e adulta, direcionados para os segmentos com baixos níveis de escolarização formal e para os (as) alunos (as) com deficiência, articulando os sistemas de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, as universidades, as cooperativas e as associações, por meio de ações de extensão desenvolvidas em centros vocacionais tecnológicos, com tecnologias assistivas que favoreçam a efetiva inclusão social e produtiva dessa população.
- 9.12) considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso as tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas (BRASIL, 2014).

Dando continuidade, consideramos pertinente dividir as informações que estão presentes no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) referentes à Meta 10:

Meta 10: oferecer no mínimo, 25%(vinte e cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

Estratégias:



- 10.1) manter programa nacional de educação de jovens e adultos voltado à inclusão do ensino fundamental e à formação profissional inicial, de forma a estimular a conclusão da educação básica;
- 10.2) expandir as matrículas na educação de jovens e adultos, de modo a articular a formação inicial e continuada de trabalhadores com a educação profissional, objetivando a elevação do nível de escolaridade do trabalhador e da trabalhadora;
- 10.3) fomentar a integração da educação de jovens e adultos com a educação profissional, em cursos planejados, de acordo com as características do público da educação de jovens e adultos e considerando as especificidades das populações itinerantes e do campo e das comunidades indígenas e quilombolas, inclusive na modalidade educação a distância;
- 10.4) ampliar oportunidades profissionais dos jovens e adultos com deficiência e baixo nível de escolaridade, por meio do acesso à educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;
- 10.5) implantar programa nacional de reestruturação e aquisição de equipamentos voltados à expansão e à melhoria da rede física de escolas públicas que atuam na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional, garantindo acessibilidade à pessoa com deficiência;
- 10.6) estimular a diversificação curricular da educação de jovens e adultos, articulando a formação básica e a preparação para o mundo do trabalho e estabelecendo inter-relações entre teoria e prática, nos eixos da ciência, do trabalho, da tecnologia e da cultura e cidadania, de forma a organizar o tempo e o espaço pedagógicos adequados às características desses alunos e alunas;
- 10.7) fomentar a produção de material didático, o desenvolvimento de currículos e metodologias específicas, os instrumentos de avaliação, o acesso a equipamentos e laboratórios e a formação continuada de docentes das redes públicas que atuam na educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;
- 10.8) fomentar a oferta pública de formação inicial e continuada para trabalhadores e trabalhadoras articulada à educação de jovens e adultos, em regime de colaboração e com apoio de entidades privadas de formação profissional vinculadas ao sistema sindical e de entidades sem fins lucrativos de atendimento à pessoa com deficiência, com atuação exclusiva na modalidade;
- 10.9) institucionalizar programa nacional de assistência ao estudante, compreendendo ações de assistência social, financeira e de apoio psicopedagógico que contribuam para garantir o acesso, a permanência, a aprendizagem e a conclusão com êxito da educação de jovens e adultos articulada à educação profissional;
- 10.10) orientar a expansão da oferta da educação de jovens e adultos articulada à educação profissional, de modo a atender às pessoas privadas de liberdade nos estabelecimentos penais, assegurando-se formação específica dos professores e das professoras e implementação de diretrizes nacionais em regime de colaboração;
- 10.11) implementar mecanismos de reconhecimento de saberes dos jovens e adultos trabalhadores, a serem considerados na articulação curricular dos cursos de formação inicial e continuada e dos cursos técnicos de nível médio (BRASIL, 2014).

A partir do exposto, recorreremos à afirmação de Feitosa (2011, p.24):

Vale lembrar que das 20 metas descritas no Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 e com vigência até 2024, apenas três tratam desta modalidade. São as metas 8 sobre a equalização dos anos de estudo da população entre 15 e 29 anos, a meta 9 que trata da universalização da alfabetização e redução do analfabetismo funcional e a meta 10 que aborda a articulação da EJA com a educação profissional.

“A finalidade não poderá ser suprir carências da escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida. Garantir direitos dos sujeitos que os vivenciam” (ARROYO, 2011, p. 97).

Em se tratando da Resolução CNE/CEB nº 1 de 05 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos:

Art.1º Esta resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio dos cursos que se desenvolvem, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias e integrantes da organização da educação nacional nos diversos sistemas de ensino, à luz do caráter próprio desta modalidade de educação.

At.2º A presente resolução abrange os projetos formativos da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica nas etapas do ensino fundamental e médio, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em especial dos seus artigos: 4º, 5º, 37, 38, e 87, e na Educação Profissional.

Parágrafo único: Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, a faixa etária e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I-Quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação:

II-Quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito e cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimento e valores.

III-Quanto a proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (BRASIL, 2000)

Está garantido nesta resolução o atendimento enquanto às diferenças, igualdade de direitos e ensino de acordo com as especificidades do aluno inscrito nesta modalidade.

Reconhecer e garantir o direito à organização do atendimento a jovens e adultos em tempos e espaços pedagógicos diferenciados no sistema nacional de educação deve romper com a reprodução da oferta de EJA nos velhos moldes do ensino supletivo: educação aligeirada e compensatória, com base

em justificativa equivocada de que os “educandos têm pressa, por isso a escola oferece pouco conteúdo em pouco tempo” (BRASIL, 2009, p.39).

Demonstra-se que não há como pensar em educação como direito público apenas no ensino fundamental para jovens, adultos e idosos, sem uma clara definição, no sistema de ensino, de mudanças necessárias nas formas de acesso, permanência e qualidade do conhecimento adquirido. Tais mudanças devem ser definidas de forma democrática pelos sujeitos desse processo, através de encontros como: seminários, fóruns, conferências, dando lugar a fala dos sujeitos, explicitadas na proposta pedagógica e na organização curricular para a modalidade de EJA.

No que se refere a acesso e permanência, recuperar a princípio o sujeito da ação educativa na EJA, compreender a necessidade de diversificar formas de entrada na educação básica, não apenas determinar tempos determinados de matrícula, mas garantir que a entrada e o retorno às classes de EJA possam se dar ao longo do desenvolvimento do projeto pedagógico de acordo com a procura e necessidade dos sujeitos da EJA. Enfrentar essas questões é também reconhecer que o público jovem e adulto precisa ter condições objetivas para voltar ao sistema educacional.

Cabe ao poder público garantir a ação conjunta e a integração de seus órgãos setoriais de saúde, transporte, desenvolvimento social, cultura, entre outros - o que em grande medida indica condições de permanência ou não de jovens e adultos na unidade escolar (BRASIL, 2009, p.88).

De acordo com a legislação apontada para EJA de uma forma geral, apesar dos avanços realizados, as deficiências do sistema escolar brasileiro ainda produzem grandes contingentes de pessoas com escolaridade insuficiente, lançando no horizonte a necessidade de construir um sistema educacional que melhore a qualidade do ensino oferecido em todas as modalidades, contemplando a EJA e orientando as políticas para a superação das desigualdades educacionais e sociais (BRASIL 2009).

Infelizmente, as metas do PNE estão ainda longe de serem alcançadas e a importância do documento como norte das políticas nem sempre é plenamente assumida pelos poderes executivos. Os limites impostos pela exclusão da EJA do Fundef só seriam revertidos a partir de 2007, quando o legislativo aprovou Emenda Constitucional transformando o Fundef em Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, abarcando também a educação infantil, o ensino médio e a EJA, que antes estavam excluídos desse mecanismo de financiamento (BRASIL, 2009, p.87).

Nesse contexto, faz-se necessário o cumprimento dessa legislação e que os jovens e adultos possam ter uma educação escolar de qualidade e claramente orientada para a promoção da justiça social, do desenvolvimento sustentável e da solidariedade; aliada a políticas públicas que promovam o acesso ao conhecimento e a aprendizagem ao longo da vida, centrando nos grupos menos privilegiados.

## **2. PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA**

Apresentamos, nesta seção, apontamentos sobre o educador Paulo Freire, referência no campo da educação brasileira e, em especial, na EJA.

### **2.1 Paulo Freire: breve biografia**

Paulo Reglus Neves Freire, conhecido no Brasil e no exterior apenas como Paulo Freire, nasceu em Recife, PE, em 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Começou a leitura da palavra, orientado pela mãe, escrevendo palavras com gravetos das mangueiras, à sombra delas, no chão do quintal da casa onde nasceu, na Estrada do Encanamento, 724, no bairro da Casa Amarela, como tanto gostava de lembrar e de dizer. Aos 10 anos de idade foi morar nas vizinhanças da capital pernambucana, em Jaboatão, uma cidade 18 quilômetros de Recife. (FREIRE, A.M., 1996).

Cresceu em meio a tantas dificuldades do povo nordestino, com a ajuda da família e a dedicação aos estudos, ainda muito jovem formou-se em Direito, mas, sempre muito triste pelo contexto da injustiça social, decidiu ser educador (STRECK, REDIN, ZITKOSKI, 2010).

Preocupado com o grande número de adultos analfabetos na área rural dos estados nordestinos, que formavam um grande número de excluídos, Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização baseado no vocabulário do cotidiano e da realidade dos alunos. As palavras eram discutidas e colocadas no contexto social do indivíduo. Por exemplo: o agricultor aprendia as palavras, cana, enxada, terra, colheita, fogo etc. e os alunos eram levados a pensar nas questões sociais relacionadas ao seu trabalho. A partir das palavras base, ia se construindo novas palavras e ampliando o vocabulário. A iniciativa do educador foi aplicada pela primeira vez, em 1962, na cidade de Angicos no sertão do Rio Grande do Norte, quando foram alfabetizados muitos trabalhadores da agricultura. O projeto ficou conhecido como “Quarenta horas de Angicos”. Os fazendeiros da região chamavam esta técnica de “praga comunista”. Com o golpe militar de 1964 a ditadura militar obrigou-o a quinze anos de exílio. Paulo Freire foi acusado de agitador e levado para a prisão onde passou 70 dias, e em seguida se exilou no Chile, (1964-1969). Durante 5 anos possibilitou trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (FREIRE, A.M., 1996).

Conforme Streck, Redin e Zitkoski (2010, p.16): "Ali escreveu uma de suas principais obras: A Pedagogia do Oprimido. Além dessa, vários outros escritos foram elaborados por ele

no Chile, tais como: Extensão ou Comunicação?; Ação Cultural para a liberdade, entre outros”

No Chile até 1969, assessorou o governo democrata cristão de Eduardo Frei em programas de educação popular. Na Suíça, com um grupo de exilados, fundou manteve o IDAC (Instituto de Ação Cultural), assessorando governos de vários países em programas educacionais, como a Nicarágua, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau (GADOTTI, 2002, p. 253).

De 1970 a 1979 quando voltou do exílio, trabalhou no Conselho Mundial de Igrejas, sediado em Genebra (Suíça), e lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (GADOTTI, 2002).

Em 1979, com a anistia do regime militar aos exilados políticos, Freire pode retornar a sua pátria e declara que “chegava para reaprender o Brasil”. Inicia, então, um novo desafio para este grande educador, já famoso internacionalmente, mas pouco conhecido e discutido em seu próprio País (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p.16).

Em 1980, recebeu o prêmio Rei Balduino da Bélgica e, em 1986, o Prêmio Educação para a Paz da Unesco. Assumiu como secretário Municipal da Educação em São Paulo no período entre 1989 a 1991 (GADOTTI, 2002).

Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente. É o brasileiro com mais títulos de Doutor *Honoris Causa* de diversas universidades, são 41, ao todo, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford. Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador do método inovador no ensino da alfabetização, para adultos, trabalhando com palavras geradas a partir da realidade dos alunos. Seu método foi levado para diversos países (FREIRE, A.M., 1996). Paulo Freire faleceu em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997. Vale destacar a contribuição de Gadotti sobre Freire e seu legado para os dias atuais:

Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele nos deixou uma imensa **obra**, estampada em muitas edições de seus livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. Nela se encontra uma **pedagogia revolucionária**. A pedagogia conservadora humilha o aluno. A pedagogia freireana, a "pedagogia do diálogo", deu dignidade a ele, respeitando o educando e colocando o professor ao lado dele - com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo - como um ser que também busca. Como o aluno, o professor é também um aprendiz. Esse é o legado de Freire. No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do **pedagogismo** dos anos 60, que, pelo menos na América Latina, sustentava a tese de que a escola tudo podia, e, de outro lado, conseguiu superar o **pessimismo** dos anos 70, para o qual a escola era meramente reprodutora do *status quo*. Fazendo isso - superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista - conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis. Fazer hoje o possível de hoje para amanhã fazer o impossível de hoje (GADOTTI, 1997, p. 1-2).

Em síntese, Paulo Freire não tinha vergonha de ser professor e defendeu a ideia de que mudar é difícil, mas é possível.

## **2.2 Uma vida de luta pela existência da Educação de Jovens e Adultos -EJA**

Paulo Freire, precursor da educação adultos, defende que o conhecimento por meio da educação é um instrumento do homem sobre o mundo, e toda esta ação produz mudanças, não sendo um ato neutro, mas sim de educar, como um ato político, mas também saber de que lado você está, a favor dos educandos (ou não) de uma política descentralizadora sabendo de que lado estou e a favor de quem. “Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação” (FREIRE, 2007, p.48).

De acordo com Paulo Freire não existe ensino sem aprendizagem e a figura do professor na educação bancária é apenas de transferir conhecimentos. A educação bancária coloca de um lado o educador, como o único a deter o conhecimento, e, de outro, o educando, tratado como um ser passivo que nada saberia. Atuando dessa forma, a escola suprime a capacidade crítica dos alunos, acomodando-os ao mundo existente “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 2011, p. 81). Afirma também que a escola deve ser um ambiente favorável à aprendizagem significativa, onde a relação-professor aluno seja através do diálogo, com a importância significativa do respeito mútuo às diferenças.

“O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessárias ao aluno, em uma fala com ele” (FREIRE, 1996, p.113).

A escola, segundo a compreensão de Paulo Freire, que se faz necessária:

[...] a escola é lugar de gente, Lugar onde se faz amigos, [...]gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão. [...] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

“A escola não pode mudar tudo nem pode mudar a si mesma sozinha. Ela está intimamente ligada à sociedade que a mantém” (GADOTTI, 2010, p.154). A educação tradicional não deve sobressair diante da educação dialógica principalmente na EJA em que não é possível apenas depositar conhecimentos e conferi-los apenas. Todos nós temos os saberes, ninguém possui uma mente vazia, trazemos conosco a nossa bagagem cultural, as

nossas experiências, e até mesmo a nossa própria linguagem formal ou informal concebida pela convivência daqueles que estão ao nosso redor. “Para Paulo Freire a escola é um lugar especial, um lugar de luta e de esperança. Por isso ela precisa ser para todos e de qualidade” (GADOTTI, 2010, p.156).

A educação que se impõe aos que verdadeiramente comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdo: não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdo, mas da problematização dos homens em suas relações com o mundo. [...]. Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente (FREIRE, 2011, p. 94).

E assim, pensando com Paulo Freire, recordar que: “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 2000, p. 85). “Para manter a contradição, a concepção “bancária “nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica para realizar a superação, a educação problematizadora- situação gnosiológica-afirma a dialogicidade e se faz dialógica” (FREIRE, 2011, p.95).

Visto que a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* dialoga com outros autores que se dedicaram, durante muito tempo à construção de princípios teóricos-metodológicos para uma educação libertadora, realçamos as particularidades mais acentuadas:

a) Ousadia epistemológica: Freire não repete as estruturas do pensamento da tradição filosófica, mas busca inovar a partir do desafio da realidade do oprimido em diálogo com os instrumentos de análise da reflexão teórica. Nessa perspectiva, é que encontramos em Freire uma síntese entre, por exemplo, a fenomenologia e a dialética (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p.17).

A concepção de epistemologia de acordo com Becker (1993) é a concepção do conhecimento que Paulo Freire deixa transparecer em seus textos sem explanação e a preocupação de fazer uma ciência do conhecimento. “Para que a pedagogia de Freire realize sua epistemologia, ela deve prolongar o processo interativo, dialógico, e não se opor a ele” (BECKER, 1993, p.152).

b) Engajamento político: o pensamento freireano se constitui a partir de uma posição política clara em favor dos oprimidos. É importante retomarmos a epígrafe da *Pedagogia do Oprimido*: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam (1993, p.23). Nessa perspectiva, o ponto de

partida do pensamento de Freire, como já assinalamos, é a realidade social opressora (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p.18).

Paulo Freire defende de forma encorajadora a mobilização das lutas dos oprimidos no mundo todo, com determinação e inventividade. “Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (FREIRE, 1996, p.87).

c) pensar esperançoso: Freire distingue entre pensar certo e pensamento ingênuo, ou antidialético. O pensar certo é crítico e esperançoso diante do futuro, pois não se fecha diante das condições históricas que nos desumanizam. A visão do mundo que reforça o valor do sonho e da utopia numa perspectiva da história como possibilidade é coerente com a forma de pensar a educação como um caminho para a emancipação dos oprimidos (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p.18).

Enquanto pessoas humanas inacabadas que somos em contínua busca de novas possibilidades, Freire é confiante em sua maneira de entender o ser humano enquanto ser histórico e social. Somos determinados a realizar o que hoje é apenas um sonho, mas que pode tornar-se realidade (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010).

d) Freire e a atualidade: a obra de Freire inspira processos socioeducativos inovadores em várias partes do mundo. Na América Latina, há uma inegável influência do pensamento freireano na filosofia e na teologia da libertação e em inúmeras práticas educativas e sociais em diversas áreas (STRECK, REDIN; ZITKOSKI; 2010, p.18).

A Pedagogia de Paulo Freire é expressão do desejo pelos princípios estabelecidos, pelo saber que não se ignora, não se domina tudo, portanto exige humildade do educador e respeitando quem aprende. O pensamento de Freire nos traz a dialogicidade no campo da educação, com outras leituras de mundo que nos levam para uma perspectiva crítica e humanizadora das sociedades atuais.

Diante do exposto, observamos que as ideias de Paulo Freire para o trabalho que está sendo desenvolvido vêm ao encontro da demanda do atendimento na modalidade de EJA, com a necessidade de avançarmos na qualidade de ensino, organização curricular, formação de professores, como também o ensino e aprendizagem no que tange a relação professor aluno nas séries iniciais do 2º segmento desta modalidade com os pressupostos de Paulo Freire.

Ainda sobre Paulo Freire, com a contribuição de Moacir Gadotti (1997, p.1-2) justificando a necessidade de uma educação libertadora:

Em todos os escritos de Freire, dos mais antigos aos mais atuais, ele nos falava das virtudes como exigências ou virtudes necessárias à prática educativa [transformadora. Mas ele também nos deu exemplo de algumas



virtudes, entre elas, a coerência e a simplicidade. Ele não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança permanente. Paulo praticava sobretudo a virtude do exemplo: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre teoria e prática eu destacaria o valor da solidariedade. Paulo se insurgia contra um provérbio popular: "Minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro". Não - dizia ele - a minha liberdade termina quando termina a liberdade do outro. Se o outro não é livre eu também não sou livre. A minha liberdade acaba quando acaba a liberdade do outro”.

Podemos afirmar, que a concepção freireana traz uma proposta de uma educação humanista-libertadora desde a sua infância e trajetória de vida, valorizando a dialogicidade. “Ou seja, através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017, p. 117).

### **3 ALUNOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Nesta seção, trataremos de questões referentes aos alunos e professores da EJA, focando especialmente em seu perfil e no processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

#### **3.1 Ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos - EJA**

A relação-professor (a) aluno, de acordo com Freire (2011), deve ser dialógica para que ambos aprendam e se tornem sujeitos do processo. Não importa qual o método que uma escola desenvolva para com seus alunos, mas a relação- professor (a) aluno (a) deve ser contemplada através da dialogicidade. Para que possamos ter um ensino significativo, se faz importante investir nos valores pessoais, ter a certeza do que queremos, para que possamos ser agentes de transformação acreditando que cada um de nós tem a sua tarefa. Este ideal deve iniciar na escola, na sala de aula. É importante que professor e aluno estabeleçam uma parceria de trabalho com confiança e alegria em estar na presença um do outro.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pelo outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. [...]. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo (FREIRE, 2011, p.113).

A aprendizagem para Paulo Freire é aquela que transforma, torna os sujeitos emancipadores, autônomos, questionadores, com capacidade para ler o mundo e o diálogo faz parte do processo.

Dialogar não é tagarelar. Por isso, pode haver diálogo na exposição crítica, rigorosamente metódica da aula de um professor a que os alunos assistem como quem come o discurso, mas como quem aprende sua inteligência. [...] os educadores verdadeiramente democráticos não estão, são dialógicos (FREIRE, 2012, p.132).

O educador deve ser solidário formando pensadores críticos, valorizando o aluno para que este se sinta motivado no retorno à escola local para o desenvolvimento da aprendizagem. É indispensável que o modelo para EJA crie situações pedagógicas para atendimento às necessidades de aprendizagens específicas para os alunos desta modalidade.

“Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos de construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p.26). Passando a ser sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem na construção e aquisição do conhecimento.

A relação professor-aluno é fundamental para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos. Depois de um dia de trabalho, trazendo em suas histórias a exclusão de não ter tido a oportunidade de continuar os estudos, ou ter sido excluído do ensino regular, e até mesmo o preconceito do retorno à escola depois de algum tempo. Justifica-se quando o aluno tem vergonha de se expor em sala de aula nos anos iniciais do 2º segmento, porque não possui conhecimento, mas na verdade em sua fala aparece a exclusão, a não valorização dos conhecimentos anteriores, o que acontece na vida destas pessoas que frequentam a EJA, sujeitos do processo.

Para que a aprendizagem significativa possa acontecer, é necessário investir em ações que potencializem a disponibilidade do aluno para a aprendizagem, o que se traduz, por exemplo, no empenho de estabelecer relações entre seus conhecimentos prévios sobre um assunto, e o que está aprendendo sobre ele. [...] a disponibilidade para a aprendizagem exige ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos (BRASIL, 2002, p.101).

Paulo Freire traz para a escola o princípio da relação professor-aluno, a aprendizagem da democracia, através do diálogo entre alunos, e professores, transformando a vida escolar em assunto de todos os envolvidos, assim como a vida política é assunto de toda a sociedade. Para tanto, propõe uma educação transformadora, através da dialogicidade, respeitando a participação de todos os sujeitos. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE, 2011, p. 108).

Todo processo de ensino e aprendizagem precisa estar relacionado à conscientização e à participação, em que alunos e professores fazem parte de um processo dialógico para a superação da ordem sociocultural e socioeconômica deficiente. O acesso à educação deve permitir a reflexão e a ação do indivíduo sobre o mundo para atuar e transformar a realidade.

### **3.2 Perfil dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos - EJA**

Os alunos buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar em sua totalidade pelo fato de não dominarem a leitura e escrita. Cidadãos e trabalhadores que são,

esses alunos querem se sentirem sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente (BRASIL, 2006).

Nos centros urbanos, um traço presente nas classes de educação de jovens e adultos é o da diversidade de origens. Encontram-se, nos espaços da sala de aula, pessoas que migraram de suas cidades de origem em busca de melhores condições de vida, trabalho, moradia, estudos e de novas oportunidades. O movimento migratório, que data de décadas, teve seu auge nos anos de 1960 e 1970 e continua levando um sem-número de famílias ou pessoas a fincarem raízes noutros espaços, a mergulharem em outras culturas. Especialmente nas metrópoles das regiões sul e sudeste é comum que uma sala de EJA componha um retrato do Brasil: os traços físicos, modos de falar, agir e reagir, formas de lazer, preferências culinárias ou musicais dos alunos nos remetem a todos os cantos do país. Esse quadro é revelador, inclusive, da enorme riqueza da cultura brasileira marcada pela diversidade, pela pluralidade. Noutras regiões, é comum encontrarmos alunos e alunas que saíram do campo, de um espaço rural, e dirigiram-se para a cidade “para continuar os estudos” ou “para arrumar um trabalho fixo” (BRASIL, 2006, p. 12).

Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades das quais participam, ligados, muitas vezes, às igrejas ou associações. A televisão é apontada como principal fonte de lazer e informação. Na maioria das vezes seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior à sua. A compreensão dessa realidade levou Paulo Freire, ainda nos anos de 1960, a reconhecer o analfabetismo como uma questão não só pedagógica, mas também social e política. Uma característica frequente é a passagem pela escola reforçada pelo fracasso escolar ou situações de exclusão como também a baixa estima deste aluno, com sua autoimagem fragilizada causando insegurança diante dos desafios que são propostos em sala de aula (BRASIL, 2006).

A procura pela escola não se dá de forma simples. Ao contrário, em muitos casos, trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os patrões, as condições de acesso e as distâncias entre casa e escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é antes de tudo, um desafio, um projeto de vida (BRASIL, 2006, p.4).

A EJA possui sua especificidade de acordo com a faixa etária, e são sujeitos reais em nossa história, viver seus direitos à cultura, educação, ao conhecimento, à memória, à identidade, à formação, e ao desenvolvimento pleno (BRASIL, LDBNE, n.9394/96).

Sem dúvida que um dos olhares sobre esses jovens e adultos é vê-los como alunos (as), tomarmos consciência de que estão tomarmos consciência de que estão privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir. Que milhões estão a margem desse direito. [...] O direito dos jovens e adultos à educação continua sendo visto sob a ótica da escola, da universalização do ensino fundamental, de dar novas oportunidades de acesso a esses níveis não cursados no tempo tido em nossa tradição como oportuno para a escolarização (ARROYO, 2017, p. 23).

Os alunos possuem conhecimentos já adquiridos, originados das experiências de vida em seu cotidiano.

Os alunos jovens e adultos, pela sua experiência de vida, são plenos deste saber sensível. A grande maioria deles é especialmente receptiva às situações de aprendizagem: manifestam encantamento com os procedimentos, com os saberes e com as vivências proporcionadas pela escola. [...] O saber cotidiano que por sua natureza, ele se configura como um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos, morais já formados, anteriormente fora da escola (BRASIL, 2006, p. 7).

A perspectiva de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo fora da escola, ou mesmo aquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

Os adolescentes, jovens, adultos trabalhadores que vêm do trabalho para a educação não carregam apenas os valores, saberes, identidades de suas vivências pessoais de lutas por trabalho. Desde crianças são herdeiros dos valores, da consciência, de lutas por direitos (ARROYO, 2017, p.69).

### **3.2.1 Quem são os jovens da Educação de Jovens e Adultos - EJA?**

Os jovens trazem para a escola representações significativas que vão além da idade cronológica e mudanças pelas quais passam. Muitas das vezes marginalizados na escola de ensino regular, procuram na EJA uma escola que seja diferente, que não repita da mesma forma com que aprenderam (ou não) os conteúdos transmitidos, mas que possuem seus interesses, experiências e cada qual com sua história de vida e que as peculiaridades desse momento de vida, no entanto, têm sido ignoradas, trazendo sérias consequências, e a EJA é uma saída para o término do ciclo escolar em que se encontram (BRASIL, 2002).

A intensidade dos desafios e das descobertas vivenciadas pelos jovens leva a uma extrema valorização do convívio entre eles, fazendo com que a sociabilidade ocupe posição central em sua vivência: os grupos de amigos, os grupos de pares constituem um importantíssimo espaço em que vão buscar respostas para suas questões (BRASIL, 2002, p. 92).

Quando a escola atende no período diurno, concentra mais a demanda por jovens nas salas de aula, dificultando muitas vezes a convivência entre os adultos, e é por meio do diálogo que, por sua vez, é condição para que o conhecimento escolar tenha sentido para eles. Haddad e Di Pierro apontam que:

[...] a EJA historicamente foi dirigida ao público adulto, mas a partir do final do século XX, o perfil dos estudantes da EJA assume nova identidade. A nova identidade passa a ser um dos principais desafios da EJA, pois passa a ter uma demanda de público mais jovem que adulto [...]. A juvenilização da EJA é apontada pelos autores como resultado da dinâmica escolar brasileira e das pressões oriundas do mercado do trabalho. No entanto, compreende-se que são vários os fatores que contribuem para esse fenômeno nesta modalidade, tais como: a deficiência do sistema regular de ensino; a possibilidade de aceleração dos estudos e a certificação para possível ingresso no mercado de trabalho. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 83).

“Vários estudos apontam que a entrada definitiva no mundo adulto se dá pela associação de vários fatores: deixar a escola, ingressar na força de trabalho, abandonar a família de origem, casar-se e estabelecer uma nova unidade doméstica” (BRASIL, 2002, p.92).

### **3.2.2 Quem são os adultos da Educação de Jovens e Adultos - EJA?**

A idade adulta é rica em transformações e dá continuidade ao desenvolvimento psicológico do indivíduo se evoluindo e se transformando continuamente, demonstrando maior capacidade de reflexão (BRASIL, 2002).

Os alunos adultos que procuram pela EJA são em sua maioria trabalhadores que exercem profissões diversificadas e até mesmo desempregados em busca de reinserção no mercado de trabalho.

Para Santos (2003):

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas do fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprenderem. A não aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico) (SANTOS, 2003, p. 74).

O sentimento de inferioridade e exclusão se faz presente nos alunos da EJA. O conceito de conhecimento na escola e nas classes de EJA não deve perder essa dimensão de

tornar os alunos mais capazes de agir de forma autônoma, trazendo a autoconfiança, através da dialogicidade. “Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade” (FREIRE, 2011, p.168).

“Se cada região de nosso país tem suas particularidades em relação às demais, todas as salas de EJA se unificam em torno deste fato: a grande maioria dos alunos são trabalhadores que chegam para as aulas após um dia intenso de trabalho” (BRASIL, 2006, p.19). As salas de aula apresentam um número significativo de desempregados e alunos com trabalhos formais e informais.

Lembrando que no ano de 2000, em Dacar, no Senegal, a Cúpula Mundial de Educação aprovou a declaração denominada Marco de Ação de Dacar, em que reafirma a Declaração de Jomtiem, segundo a qual:

[...] toda criança, jovem e adulto tem direito humano de se beneficiar de uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser. É uma educação que se destina a captar os talentos e o potencial de cada pessoa e desenvolver a personalidade dos alunos, para que possam melhorar suas vidas e transformar suas sociedades [...] assegurar que as necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos sejam atendidas pelo acesso equitativo à aprendizagem apropriada, à habilidade para a vida e a programas de formação para a cidadania (BRASIL, 2000, p.25).

Ser escolarizado é a condição básica para participar da sociedade de forma autônoma, e de manter o acesso aos bens culturais, sociais e exercer o direito como um todo. A interrupção da trajetória escolar produz nos alunos da EJA, muitas vezes, um comportamento de timidez, e o medo da participação em sala de aula, portanto se faz necessário trabalhar o resgate da autoestima e a construção da confiança em suas falas.

### **3.3. Perfil do professor que atua na Educação de Jovens e Adultos - EJA**

A expectativa que o professor tem a respeito da aprendizagem de seus alunos faz parte do contrato didático. Assim, se o professor espera uma atitude curiosa e investigativa, precisa, então, propor prioritariamente atividades que exijam esta postura, e não a passividade: valorizar o processo, e não apenas a rapidez para realização: esperar estratégias criativas e originais, e não a mesma resposta de todos (BRASIL, 2002, p.101).

Ainda é muito comum que as atividades oferecidas sejam adaptadas do ensino regular para serem aplicadas para os alunos da EJA, como, por exemplo chamá-los de algum adjetivo que os leva à igualdade das crianças.

Os jovens e adultos, por estarem em outros estágios de vida, têm experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas que os distanciam do mundo infantil e adolescente, o que faz com que os professores que se dedicam a esse trabalho devam ser capazes de conferir significado aos currículos e às práticas de ensino para os alunos jovens e adultos. [...]. Assim sendo, as diretrizes orientam os cursos de formação no sentido de oferecer uma ênfase diferenciada aos professores que pretendem se dedicar a essa modalidade de ensino (BRASIL, 2002, p. 141).

Conceber os alunos da EJA na totalidade de suas existências pressupõe concebê-los como pessoas que carregam as marcas de seu pertencimento de classe: “Reeducar o olhar docente para ver os educandos e as educandas em suas trajetórias não apenas escolares, mas também de vida, sua condição de sujeitos sociais e culturais, de direitos totais” (SOARES apud ARROYO, 2001, p.121).

O mesmo autor completa:

Como um campo das ciências humanas, e, sendo a EJA um campo da educação que se dedica a seres humanos marcados pela exclusão social ou, no dizer de Paulo Freire, seres humanos que vivenciam o processo de sua “humanidade roubada”, “seres humanos proibidos de ser” cabe à educação captar como os oprimidos “tentam superar as condições que proíbem de ser, perceber e se contrapor às situação e às condições sem que realizam sua existência, em que se deformam e se desumanizam” (SOARES apud ARROYO, 2001, p. 242).

Nossa sociedade ainda apresenta marcas do passado colonial, escravocrata criando obstáculos para a mudança social. É dentro deste conceito que estamos inseridos, todos nós professores e alunos.

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que respeito, que se deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE, 2007, p.64).

Entre os desafios para a EJA estão as propostas para a formação do educador de jovens e adultos. “Há uma docência que se constitui conjuntamente a um estatuto próprio da EJA, na produção e acúmulo de saberes teórico-metodológicos, o que leva à defesa de uma sólida formação de nível superior para a docência na EJA” (BRASIL, 2009, S.P.).



#### 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, a intenção é apresentarmos considerações sobre a metodologia utilizada para a realização do presente estudo.

Analisamos autores que tratam sobre o tema de ensino e aprendizagem na EJA, focando na relação-professor aluno, em especial as contribuições de Paulo Freire, considerando a relevância desse estudioso no cenário da educação brasileira. Assim, é de suma importância a contribuição das obras desse educador para melhoria das ações dos educadores que atuam nas salas de aula da EJA, em específico, em uma sala de 5º série/6ºano no período noturno, foco central de nosso trabalho.

O trabalho realizado é de natureza qualitativa, estabelecendo a interação com os conhecimentos já produzidos sobre o objetivo da pesquisa, com o propósito de contribuir para a melhoria no atendimento e acolhimento aos alunos da modalidade de EJA.

Utilizamos como abordagem central da pesquisa as contribuições de Ludke e André (1986, p.18), ao relatarem que o estudo qualitativo é aquele que: “[...] se desenvolve numa situação natural, é profícuo em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.”

A pesquisa, que teve aprovação do Comitê de Ética da UNIARA -n. CAAE 77190117.000.5383 -, foi realizada em uma instituição de ensino fundamental da rede municipal de uma cidade no interior do estado de São Paulo, com atendimento específico na modalidade de EJA, 1º e 2º segmentos do ensino fundamental. A unidade oferece atendimento nos períodos diurno e noturno.

A partir do consentimento da coordenação e da direção da unidade escolar, da aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética e da assinatura do (s) Termo (s) de Consentimento pelos sujeitos da pesquisa, iniciamos o processo de coleta de dados.

Em nossa pesquisa, conforme exposto, focamos especificamente em uma sala de 5ª série/6º ano do período noturno, com 30 (trinta) alunos (as) matriculados e, no dia da aplicação do questionário, 16 alunos estavam presentes na sala de aula e se propuseram a participar da pesquisa.

[...] a evasão escolar reconhecidamente elevada em programas de Educação de Jovens e Adultos, em função não só de fatores internos aos processos de ensino e aprendizagem, provocados pelas dificuldades inerentes a essa modalidade de educação, mas também por fatores externos vinculados às difíceis condições de vida dos alunos (HADDAD, 2007, p. 204-205).

Ressaltamos que o sistema de matrículas na rede municipal permite que, após a evasão, é possível matricular demais alunos que se encontram na maioria das vezes em uma lista de espera, para completar o número de alunos na sala. A opção pela escola está relacionada ao fato de atender alunos nessa fase de escolarização, foco central de nossa pesquisa.

#### **4.1 Coleta de dados: participantes da pesquisa e principais instrumentos**

Realizamos a pesquisa com 16 alunos (que têm acima de 18 anos de idade) da 5ª série/6º ano no período noturno em uma escola localizada em um município do interior do estado de São Paulo e 05 professores que atuam nessa turma. Realizamos a coleta de dados no primeiro semestre do ano letivo de 2018.

Ressaltamos também que todos os nomes dos participantes são fictícios.

A pesquisadora foi apresentada aos alunos na sala de aula, no primeiro semestre do ano letivo de 2018, pelo professor coordenador da unidade escolar, e logo que entrou cumprimentou os alunos, que já perguntaram se estávamos lá para ajudá-los. Explicamos sobre a razão de nossa presença para o desenvolvimento da pesquisa. Nossa presença nas aulas ocorreu durante o mês de março, duas vezes por semana, e, em um segundo momento, no mês de abril três vezes por semana. Iniciamos o processo de aplicação dos questionários e realização da entrevista semiestruturada, ainda no 1º semestre do ano letivo.

Esclarecendo os objetivos da pesquisa, convidamos os alunos a participarem e afirmando que a aceitação era opcional. A aplicação do questionário durou aproximadamente 45 minutos e aconteceu na própria sala de aula do estudante.

A sala era composta por 30 alunos, durante o mês de fevereiro (início das aulas). No dia da aplicação do questionário estavam presentes 16 alunos e todos aceitaram participar da pesquisa, respondendo ao questionário, como também quatro alunos fizeram a opção de participar da entrevista semiestruturada.

Fizemos a leitura de cada questão e esclarecemos dúvidas. Após a atividade do questionário, na semana seguinte, realizamos a entrevista semiestruturada individualmente com os alunos, em horário oposto da aula, na biblioteca da escola.

Relatamos um fato ocorrido na aula para o preenchimento do questionário pelos alunos. Durante o preenchimento do questionário, estava no horário de trocar de professor da sala e o professor que iria entrar era responsável pela disciplina de Matemática e, então, uma senhora da sala disse: “chega de preencher papel, não quero perder a aula de Matemática”. Esta senhora possui 80 anos de idade e é frequente às aulas.

Em se tratando dos professores, sete deles atuam na sala de aula pesquisada. Desse total, cinco aceitaram responder ao questionário e, desse grupo, dois professores aceitaram participar da entrevista semiestruturada. Dois professores não estavam presentes (afastados por motivo de saúde).

Em relação ao questionário aos professores, também foi afirmado que a aceitação era opcional. A aplicação foi realizada na própria escola, individualmente e em espaço reservado (biblioteca) com a duração de aproximadamente 45 minutos.

Conforme exposto, após a aplicação do questionário, realizamos entrevista semiestruturada com 2 professores, que optaram por participar da entrevista, visando a aprofundar as discussões centradas nos objetivos desta pesquisa.

Foi esclarecido para os sujeitos da pesquisa que, além do questionário apresentado, nosso estudo envolveria mais uma etapa que se refere à entrevista áudio gravada (com duração aproximadamente de uma hora) atendendo às exigências de ética em relação ao processo de coleta, análise e utilização dos dados no contexto da pesquisa científica.

Essa atividade também foi realizada na própria instituição de ensino em local reservado (biblioteca) e envolveu discussões de forma detalhada sobre a temática proposta no Projeto.

Cada participante foi entrevistado na presença apenas da pesquisadora.

Vale ressaltar que os alunos matriculados e os professores que atuam na instituição de ensino, local onde foi realizada a pesquisa, foram convidados para participar da primeira etapa da pesquisa (questionário) e nela foram incluídos aqueles que aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento. Na segunda etapa, entrevistas semiestruturada, foram incluídas os alunos e professores que manifestaram interesse em continuar participando da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento.

## 5 ADENTRANDO NO UNIVERSO DA PESQUISA: O QUE NOS REVELAM ALUNOS E PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Nesta seção, apresentamos os dados coletados por meio do questionário e entrevista semiestruturada e suas análises.

Para tanto, elaboramos Eixos Temáticos com o intuito de organizar e analisar os dados coletados dos alunos e professores que participaram desta pesquisa. Pontuamos que, para análise, verificamos as respostas recorrentes dos alunos e professores.

### 5.1 As vozes dos alunos da Educação de Jovens e Adultos- EJA

Apresentamos, inicialmente, o Quadro 1 contendo nome e idade dos alunos. Conforme exposto, para preservar a identidade de cada participante, os nomes apresentados são fictícios.

**Quadro 2: Nome e idade de cada estudante da EJA**

Nome	Idade
Amélia	80 anos
Antonia	43 anos
Angela	66 anos
Flavio	34 anos
Claudio	54 anos
Edgard	43 anos
Francisco	54 anos
João	57 anos
Leticia	57 anos
Ligia	45 anos
Luisa	18 anos
Marcia	35 anos
Maria	43 anos
Pedro	30 anos
Reginaldo	18 anos
Rosangela	40 anos

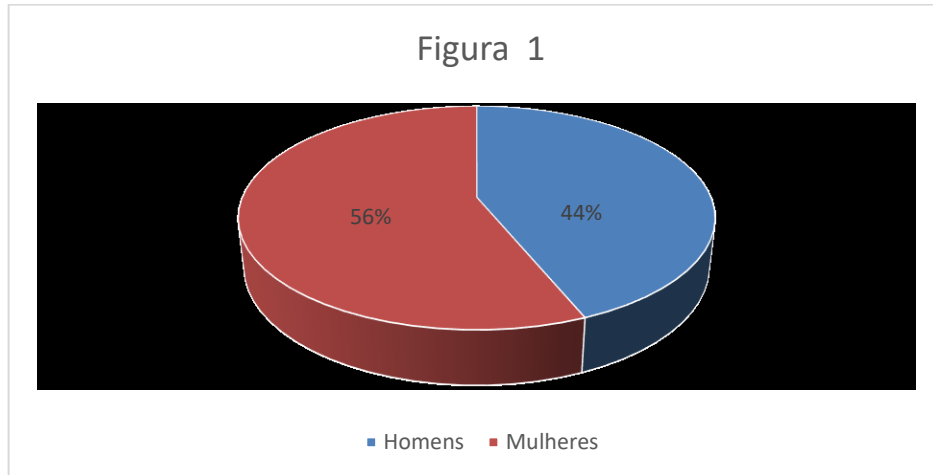
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os conhecimentos de uma pessoa que busca tardiamente a escola são muitos e adquiridos ao longo de sua história de vida, segundo Arroyo (2017):

“Valorizar seus esforços por estudar como lutas pelos direitos da cidadania, assim como valorizar as lutas de seus grupos sociais, raciais, do campo e das periferias por espaços de cidadania: centros de saúde, transporte, escolas, segurança” (ARROYO, 2017, p. 51).

Como demonstrado na figura 1, na procura pela escola, a proporção maior é de mulheres, mesmo com toda dificuldade de locomoção- do trabalho para casa e da casa para a escola, com a responsabilidade também de cuidar dos filhos.

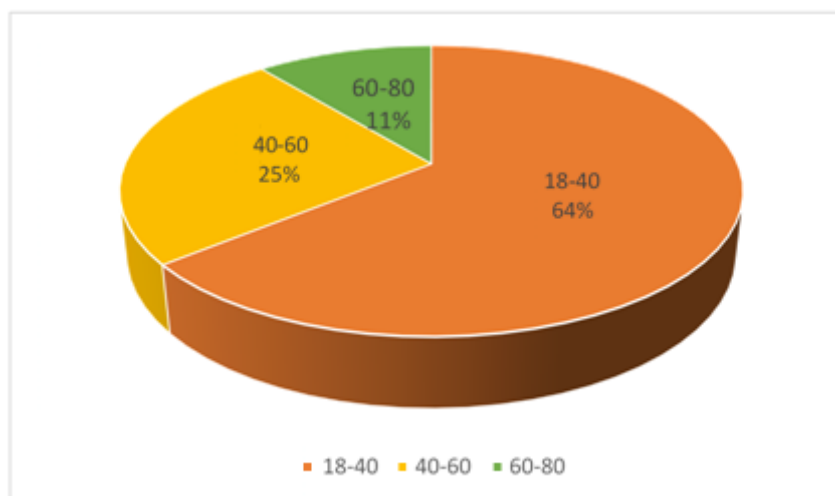
**Figura 1: A proporção dos participantes da pesquisa entre homens e mulheres, matriculados na 5ª série no período noturno.**



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A EJA se apresenta como um importante espaço de superação da exclusão social de muitas mulheres que não tiveram oportunidade de acesso à escolarização na idade regular, bem como espaço de convivência social, de ensino e aprendizagem. Lembrando Paulo Freire, ao pontuar que: “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 2000, p. 85).

**Figura 2: A proporção dos participantes da pesquisa referente à idade dos alunos matriculados na 5ª série no período noturno.**



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os dados apresentados quanto à idade demonstram que a proporção maior de alunos que frequentam a sala da EJA pesquisada situa-se entre 18 e 40 anos de idade.

“A escola precisa despertar e conscientizar alunos de todos os níveis e de todas as idades, motivando-os a aprender e mostrando a necessidade de aprendizado permanente” (BRASIL, 2002, p. 960).

Seguem os Eixos Temáticos organizados para a análise de dados referentes aos estudantes participantes desta pesquisa. Abaixo de cada eixo temático elencamos as questões correspondentes.

### Quadro 3: Eixos temáticos – Estudantes da EJA

Eixos temáticos - Estudantes
<p>1. Motivação para o ingressar na EJA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que o motivou a procurar a EJA? Por que a EJA?</li> <li>• Quanto tempo ficou fora da escola?</li> <li>• Como a escola pode te ajudar a ter mais sucesso na sua vida profissional?</li> </ul>
<p>2. Aprendizagens na EJA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais são as aprendizagens que você está conquistando frequentando essa modalidade de ensino?</li> <li>• Para que aprender a ler e a escrever?</li> <li>• Para que aprender outros conhecimentos abordados na escola?</li> <li>• Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem?</li> </ul>
<p>3. Dificuldades na EJA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na EJA?</li> <li>• Os professores são importantes para superação dessas dificuldades? Comente sua resposta.</li> </ul>
<p>4. Relação professor-aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como você avalia o processo de interação professor e aluno para o sucesso de sua aprendizagem?</li> <li>• Esclarece suas dúvidas com o professor?</li> <li>• Qual disciplina que mais gosta? Por quê?</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

“Pensar os sujeitos da EJA implica situar também as especificidades de seus educadores/professores, que configuram percursos de respeito e de busca permanente pela articulação do processo pedagógico às particularidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos” (BRASIL, 2009, p.32).

Em se tratando do Eixo Temático 1, intitulado Motivação para ingressar na EJA, temos um conjunto significativo de respostas apresentadas pelos discentes. Apresentamos as respostas dos alunos participantes deste estudo, transcritas de acordo com a escrita deles.

Quando os indagamos sobre a motivação que tiveram para procurar a EJA, obtivemos as seguintes respostas registradas a seguir:

**Quadro 4: Motivação para ingressar na EJA–Estudantes da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO-RESPOSTAS
	O que o motivou a procurar a EJA? Por que a EJA?
Amélia/ 80 anos	<i>Minha filha está dando aulas nesta escola e me disse que senhorinhas idosas estava aqui estudando e que eu poderia também aproveitar para completar o que deixei para traz há muitos anos a traz. Então resolvi vir aqui. Estou muito bem, aprendendo muitas coisas boas.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Porque só ela tem paciência com ajente. Nós que trabalha não tenho tempo para estuda. Paciência.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Com eu fiquei sabendo que a escola é muito boa.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>Para voltar a estudar e conseguir um emprego melhor. Procurei a EJA porque é a única escola que ensina Jovens e Adultos, que nos dá oportunidade de continuarmos os estudos da série onde paramos a muitos anos.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>Educação de Jovens e Adultos foi uma oportunidade para voltar a estudar. Preciso ler e escrever.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Para aprender melhor e voltar a estudar para ser uma pessoa melhor. Porque a EJA? É ensino de Jovens e Adultos.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>Por é melhor para mim, É estuda certo.</i>
João/ 57 anos	<i>Procuro para apreder a ler e estudar e aprende e seformado.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>Não respondeu.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Porque precisava estuda para termina meus estudo encinando a todos os meus objetivos em apreder mais.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Por que a EJA é muito importante para nós, tem qui aprender na educação de jovens e adultos, por que sem estudo não é nigen.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>Estudar mais, por que parei na 4ª série e quero terminar meus estudos.</i>
Maria/ 43 anos	<i>Para terminar meus estudos, Por que? o estudo é mais rápido. Ajudar a ficar mais atenta em tudo.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>Eu tive grande necessidade de voltar a estudar. Procurei a escola EJA por ser uma escola de qualidade.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>Minha mãe precisava vir junto comigo, senão eu ia embora, agora gostei e sei que preciso ficar na escola, preciso aprender a escrever para arrumar emprego. Ensinar a gente a ler e a escrever.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>É a única escola pra gente.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nas respostas de alguns alunos o apoio da família para voltar a estudar é de suma importância, como descreveu a aluna Amélia (80 anos): "*Minha filha está dando aulas nesta escola e me disse que senhorinhas idosas estavam aqui estudando e que eu poderia também aproveitar para completar o que deixei para traz. Então resolvi vir aqui. Estou muito bem, aprendendo muitas coisas boas*".

Para outros, há a necessidade de aprender a ler e a escrever, como descreve o aluno João (57 anos): *"Procuro para aprender a ler e estudar e aprender e ter mais informações."* Também para conseguir um emprego melhor, como o aluno Claudio (57 anos): *"Para voltar a estudar e conseguir um emprego melhor. Procurei a EJA porque é a única escola que ensina Jovens e Adultos, que nos dá oportunidade de continuarmos os estudos da série onde paramos a muitos anos."*

Temos ainda os alunos que descrevem que procuraram a EJA para serem uma pessoa melhor, ser alguém, como a aluna Luísa (18 anos): *"Por que a EJA é muito importante para nós, tem que aprender na educação de jovens e adultos, por que sem estudo não somos ninguém"*.

Verificamos as inúmeras necessidades dos alunos que procuram a modalidade de ensino EJA. Há também uma autodesvalorização manifestada pelos alunos e que pontuamos nas discussões realizadas em seções anteriores. Isso fica evidente quando, por exemplo, Luísa afirma que sem estudo a pessoa não tem valor algum, pois não é ninguém.

Recorremos, neste contexto, aos estudos de Franchi (1999), que ao indagar crianças em processo inicial de alfabetização acerca do *para que aprender a ler e escrever*, encontra com algumas respostas envolvendo a autodesvalorização.

[...] a manter-se no estado em que estão, jamais poderão "ter uma boa cabeça" e ficarão para sempre "burros". Sua ignorância já está estabelecida socialmente, como ponto de partida para o trabalho instrucional da escola. Não se tem refletido ainda suficientemente sobre o papel negativo para o desenvolvimento da criança dessa autodesvalorização, nem sobre o enorme equívoco de confundir "conhecimento" com conhecimento socialmente aceito" (FRANCHI, 1999, p.92).

Nesse cenário, verificamos que conhecimento validado é somente aquele tratado em contextos institucionalizados, no caso, a escola. Há, muitas vezes, essa visão também internalizada pelos jovens e adultos, que ingressam na EJA com baixa autoestima e considerando sua trajetória de vida, em especial, os conhecimentos adquiridos em seu cotidiano como inadequados e insuficientes.

Também questionamos neste eixo sobre o tempo em que o aluno ficou fora da escola e seus motivos.



**Quadro 5: O tempo em que o estudante ficou fora da escola. Estudantes da EJA.**

NOME-IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Quanto tempo ficou fora da escola?
Amélia/ 80 anos	Não respondeu. (Quando estava iniciando a escrita outro professor chegou à sala e ela disse: <i>chega de questionário, não posso perder aula de Matemática.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Jámfaz 9 ano que eu não vou para a escola. fiquei gavinando com dizeses ano di indade e não pude ir para a escola.</i>
Angela/ 66 anos	<i>A muito tempo que morava na rua.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>fiquei pouco mais de 30 anos, por que na época preferi trabalhar, pois não via a necessidade de ajudar meus pais.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>Fiquei mais de 20 anos sem estudar sempre trabalhando muito. Casei e tive que construir minha casa, trabalhava durante o dia e construía a minha casa à noite e aos finais de semana, entrei em uma empresa trabalhei durante 10 anos de encarregado viajando por todo Brasil montando obras pré-moldadas.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Fiquei fora da escola há 18 anos? Porque tive que trabalhar para ajudar meu pai e família porque ele não tinha condições? É por isso tive que parar a escola cedo.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>não tem motivo nem uma 2 anos 05.</i>
João/ 57 anos	<i>durante a noite, aproximadamente 25 anos</i>
Leticia/ 57 anos	<i>Quando eu estava na época de escola meu pai não deixou eu estudar eu trabalhar então eu estudei até a 3ª série depois eu casei e meu marido também não deixou eu estudar, fiquei fora da escola uns 35 anos</i>
Ligia/ 45 anos	<i>10 anos. porque eu trabalhava e chegava muito tarde. Em casa não dava tempo de chega na escola no horário certo.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Eu nunca fiquei fora da escola, não eu nunca sai da escola não eu sempre sigo em frente por que a escola e muito bom para nois aprender porque npois sere humano todos nois sem estudos não somos migem então ajente quenado entra na escola é para aprende e para segui em frente para nais tarde ser algumas coisas para frete..</i>
Marcia/ 35 anos	<i>15 Anos, porque casei e o marido não deixou estudar</i>
Maria/ 43 anos	<i>10 Anos. Eu tive três filhos pequenos, meu marido estudava e eu não tinha com quem deixar. Hoje já estão maiores, meu marido continua a estudar, mas meus filhos já pode ficar em casa sozinhos.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>20 Anos, o motivo porque morava na roça, meus pais não tinha condição de colocar nos na cidade para estudar por falta de dinheiros</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>Não respondeu</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>Eu fiquei fora da por trinta anos porque eu tive que ajunda minha mãe com os meus irmãos, meu pai era viajante, depois tive que trabalhar fora e o tempo foi passando, só agora tive a chance de estudar.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os conhecimentos de uma pessoa, que procura tardiamente a escola, são inúmeros e adquiridos ao longo de sua história de vida, no entanto os motivos que levam cada pessoa deixar de estudar são vários, como os alunos Claudio/54 anos, Edgard/43 anos, Flavio/34 anos, João/57 anos, Rosângela /40 anos e Ligia/45 anos, que tiveram que trabalhar para ajudar a família. A aluna Letícia, com 57 anos relatou que o pai não deixou ela estudar, e depois que se casou o marido também não a deixou estudar e, então, ficou fora da escola mais de 35 anos. Já a aluna Márcia, com 35 anos, se casou e o marido não a deixou estudar. A aluna Maria com 43 anos de idade ficou fora da escola durante 10 anos, precisou cuidar de três filhos e o marido estudava, mas atualmente os filhos são maiores e ela pode voltar a estudar. O aluno Pedro morava na roça e não possuía condições financeiras para vir à cidade para estudar.

Embora as mulheres tenham alcançado conquistas significativas ao longo dos anos, elas ainda experimentam uma situação de maior vulnerabilidade e desvalorização que os homens, pois ainda pesam sobre elas as restrições advindas das responsabilidades reprodutivas, ou seja, toda a carga das tarefas relativas ao cuidado da casa e dos filhos, o que muitas vezes dificulta sua inserção e permanência no mercado de trabalho, fator que é especialmente significativo no caso das mulheres mais pobres (LEONCY, 2013, p. 17).

Conforme o Plano Nacional da Educação – PNE-Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014, pontuamos nas metas que:

8.2.) Implementar programas de educação e jovens e adultos para os segmentos populacionais considerados, que estejam fora da escola e com defasagem idade-série, associados a outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização, após a alfabetização inicial.

Meta 9.1: “assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria.”

Os alunos jovens e adultos, ao retornarem para a escola, reforçam a necessidade da garantia do direito à educação.

Quando questionamos em como a escola poderia ajudar a ter mais sucesso na vida profissional tivemos as respostas registradas a seguir:

**Quadro 6: Participação da escola na vida profissional do aluno. Estudantes da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Como a escola pode te ajudar a ter mais sucesso na sua vida profissional?
Amélia/ 80 anos	<i>Não respondeu</i>
Antônia/ 43 anos	<i>-Paciencia.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Tá ajudando.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>melhorar no emprego.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>preciso ler e escrever.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>com o ensino com a educação você pode ter uma profissão melhor.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>Não respondeu.</i>
João/ 57 anos	<i>Aprende e sinformado.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>Ensina a gente.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>encinando a todos os meus objetivos em aprender mais.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Pode ajuda ajente na escola fazendo as coisas nessecaria na sala de aula para ter mais sucesso na nossa vida profissional</i>
Marcia/ 35 anos	<i>-não respondeu.</i>
Maria/ 43 anos	<i>a ficar mais atenta em tudo.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>tendo uma escola de qualidade, uma boa conversa com os alunos isso ajuda a nos ter uma vida profissional excelente.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>Não respondeu.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Conforme as respostas dos alunos, constatamos que a escola é local de estudo como ferramenta para aceitação social e profissional. A aluna Luísa com 18 anos, relata que é necessário fazer o que é certo em sala de aula para ter sucesso na vida profissional. O aluno Claudio com 54 anos, relatou que precisa melhorar no emprego.

Importante também destacar que as propostas de formação para esses estudantes, além de orientadas por metodologias direcionadas para as especificidades do público da EJA, precisam dialogar com o mundo do trabalho, sendo este caracterizado como um dos elementos motivadores do retorno de homens e mulheres as salas de aula e por se configurar como fonte de renda e participação social dos sujeitos (MATOS, PLATZER, 2018, p. 311).

Alguns alunos não responderam e acreditamos que tiveram dificuldade para responder, pelo fato de sentirem o fracasso escolar por terem que retomar os estudos depois de certa idade, como também, o objetivo de retorno à escola e a reinserção no mercado de trabalho.

Em se tratando do Eixo Temático 2 denominado Aprendizagens na EJA, temos as seguintes respostas quanto às aprendizagens que o aluno está conquistando frequentando essa modalidade de ensino:

**Quadro 7: Aprendizagens conquistadas nesta modalidade – Estudantes da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO - RESPOSTAS
	Quais são as aprendizagens que você está conquistando frequentando essa modalidade de ensino?
Amélia/ 80 anos	<i>Não respondeu.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Estou aprendendo português. Aprender a ler e a escrever é para sobrevivência hoje</i>
Angela/ 66 anos	<i>para ser alguém na vida.tá ajudando</i>
Claudio/ 54 anos	<i>Tive uma grande melhora em Matemática, gosto de todas as matérias, mas a que mais gosto é o Português</i>
Edgard/ 43 anos	<i>Estou aprendendo a ler e a escrever, é importante para melhorar no emprego</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Para aprender melhor.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>Para mim aprender a ler e a escrever.</i>
João/ 57 anos	<i>para trabalho. ensina aprendizagen.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>aprendendo a falar melhor, a ler bem e tudo que eu gosto.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Matemática, Inglês, História, Ciências, Geografia, Educação Física e Português. Etc.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Para aprender a ler e a escrever.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>para melhorar o futuro.</i>
Maria/ 43 anos	<i>Matemática eu já parei de estudar por não dar conta de aprender a matemática hoje estou bem melhor.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>Estamos aprendendo muitas coisas na escola que nem passava pela minha mente a escola é tudo de bom, uma grande oportunidade para nos.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>Não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>A escola tem uma grande importância.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Verificamos, conforme os relatos, que os alunos gostam e dão muita importância por aprender a ler e a escrever para alcançar êxito no trabalho e ao mesmo tempo como sobrevivência de vida. Destacamos, na Constituição Federal, no Capítulo III, da Educação, da Cultura e dos Desporto, na Seção I, Da Educação, o artigo 205: “A educação, direito de todos”.

Os relatos dos alunos confirmam a importância da escola, de aprender, e a certeza de que a EJA é uma oportunidade para todos.

Questionamos também nesse Eixo Temático o porquê de aprender a ler e a escrever e tivemos as seguintes respostas:

### Quadro 8: O porquê de aprender a ler e a escrever – Estudantes da EJA

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Para que aprender a ler e a escrever?
Amélia/ 80 anos	<i>já sei ler e escrever, estou aprendendo mais</i>
Antônia/ 43 anos	<i>É nesesario. Para sobrevivem hoje.</i>
Angela/ 66 anos	<i>para ser augem na vida.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>Aprender a ler a a escrever é uma necessidade de todo cidadão, para poder se integrar na sociedade, pois sem ler e escrever não vamos conseguir um emprego melhor e nem resolver-mos muitas situações da vida que exigem o mesmo.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>não respondeu.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Para ser uma pessoa inteligente e ler e escrever e muito importante para o nosso dia a dia ter um emprego melhor.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>porque para mim vai ser melhor.</i>
João/ 57 anos	<i>para trabalho.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>Para ter um serviço melhor, e para ter mais conhecimento.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Para ter um conhecimento exato da leitura.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Para aprender ler por que ajente procura um trabalho e so trabalha naquele trabalho so se souber ler e escrever Porque ajente tem qui entra na escola para aprender a ler e a esfrever para aruma um emprego mais melhor.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>para melhorar no futuro.</i>
Maria/ 43 anos	<i>Para que a gente poder se informar melhor de tudo.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>Para ter um conhecimento maior através do estudo tenhamos grande oportuniades de crescer na vida.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>para poder se comunicar no ambiente profissional.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Aprender a ler e a escrever é de suma importância para os alunos da EJA que possuem um histórico de exclusão por não terem tido a oportunidade de aprender na idade considerada certa, por vários motivos, dentre eles: falta de condições financeiras, necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa, cuidar dos filhos pequenos, não permissão dos pais, pois residiam em lugares distantes da cidade.

É preciso, na verdade, que a alfabetização de adultos e a pós-alfabetização, a serviço da reconstrução nacional, contribuam para que o povo, tomando mais e mais a sua História nas mãos, se refaça na feitura da História. Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado. [...] A alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento (FREIRE, 1989, p. 24).

O aluno Pedro, com 30 anos, e os demais alunos repetem as palavras oportunidades, melhorar no futuro, ser alguém na vida, ter um futuro melhor. Conforme descreve Paulo

Freire (2001, p. 29): “Sonhar é imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade”

Destacamos, nesse contexto, a necessidade de políticas públicas que favoreçam a educação básica a todos e a modalidade de ensino EJA para todos que ficaram excluídos do ensino regular.

Ainda no Eixo Temático 2, os alunos responderam sobre para que aprender outros conhecimentos abordados na escola.

### **Quadro 9: A importância de aprender outros conhecimentos na escola–Estudantes da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Para que aprender outros conhecimentos abordados na escola?
Amélia/ 80 anos	<i>não respondeu.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>sim, porque não aprende não é bom.</i>
Angela/ 66 anos	<i>por muito que eu aprendi na escola.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>para aprimorar nos os nossos conhecimentos.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>não respondeu.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>não respondeu.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>porque melhor conhecimentos para mim né.</i>
João/ 57 anos	<i>não respondeu-</i>
Leticia/ 57 anos	<i>eu gosto de aprender coisas diferentes.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Não respondeu</i>
Lúisa/ 18 anos	<i>isso para mim e importante porque conhecimento e muito bom para todas nois na escola com as professoras.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>É importante aprender outras atividades na sala de aula com os professores que conversam com a gente.</i>
Maria/ 43 anos	<i>para melhorar o cotidiano.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>o conhecimento apredido na escola e a chave do nosso sucesso no dia de amanhã.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>Esse tipo de questionamento pode nos levar a diversas outras fontes a serem abordados. A escola tem uma grande importância e responsabilidade.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

As ideias que se repetem nesta questão são similares às anteriores, conforme relato da aluna Márcia, com 35 anos, que afirma sobre realizar outras atividades e que o professor conversa com os alunos. O aluno Pedro relata que o conhecimento aprendido na escola é importante para o futuro.

O acesso à escolaridade deve proporcionar aos alunos jovens e adultos, inseridos em uma sociedade letrada, a possibilidade de analisar, criticar e enfrentar questões que fazem parte de seu contexto. Mas isso não basta. É preciso também contribuir para sua formação intelectual, estimulando seu pensamento, seu raciocínio, para que possam transferir aprendizagens de uma situação a outra, abstraindo propriedades, fazendo generalizações, usando conhecimentos em novos contextos (BRASIL, 2002, p. 89).

Os alunos reforçam a importância da escola, de aprender conteúdos diferentes, como relata a aluna Leticia com 57 anos: “*eu gosto de aprender coisas diferentes*”

Quando questionamos sobre qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem na EJA, os alunos responderam que:

**Quadro 10: O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem. Estudantes da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem?
Amélia/ 80 anos	<i>Não respondeu</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Ter paciência com a gente.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Não respondeu.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>Conversar com a gente.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>por que posso passar suas matérias e que os alunos possa aprender sem dificuldades.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
João/ 57 anos	<i>ensina aprendizagem.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>não respondeu.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Não respondeu.</i>
Lúisa/ 18 anos	<i>o papel da professoras e ensina a aprender a escrever a estudar ingal ajente está aprendendo a escrever a ler e a estudar no ensino fundamental EJA.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>não respondeu.</i>
Maria/ 43 anos	<i>ensinar os alunos, e se relacionar com os alunos.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>o papel do professor e ensinar corretamente o aluno, algo que eles estão fazendo corretamente.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosângela/ 40 anos	<i>não respondeu.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nesta questão, os alunos apresentaram dificuldades em responder, uma vez que provavelmente não está claro para os alunos qual o papel do professor, pois são alunos que foram recebidos na escola há pouco tempo, após muitos anos fora dela, e trazem o olhar de quando eram alunos do ensino regular.

Podemos concluir que essas são marcadas pela exclusão social, reprovação e evasão escolar, pelo abandono escolar precoce, vulnerabilidade social e material, inserção precoce no mercado de trabalho, baixa escolaridade dos pais, falta de instituições escolares e o despreparo dos sistemas de ensino para incluir a demanda de alunos. Nesse sentido, observa-se a forte correlação entre as desigualdades escolares e sociais (PEREIRA, 2014, p. 373).

A função do professor para estes alunos, é ensinar, ter paciência, conversar, ou seja, se relacionar com os alunos. Destacamos Paulo Freire:

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança na antidualogicidade da concepção “bancária da educação” (FREIRE, 2011, p. 113).

Diante dos relatos, verificamos a importância da relação professor-aluno para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos da EJA.

No Eixo Temático3, que trata das dificuldades na EJA, os alunos responderam sobre suas dificuldades no processo de aprendizagem:

#### **Quadro 11: Dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na EJA-Estudantes da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Quais as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem na EJA?
Amélia/ 80 anos	<i>Os professores ensinam bem, quando tenho dificuldade eu pergunto.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>não respondeu.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Matemática.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>Melhorei em matemática.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>Conversar com a gente.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Nen uma dificuldade, é muito bom o ensino na EJA.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>Matemática.</i>
João/ 57 anos	<i>Matemática.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>Eu tenho dificuldades de Matemática, á tenho dificuldades de todas as matérias.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Não respondeu.</i>
Lúisa/ 18 anos	<i>adificuldade e qui o Eja tem coisa qui ajente tem qui pergunta e para aprender eu pergunto tem coisas qui entedo tem coisas qui ajente não consegue tem coisas que eu ternho dificuldades qui não consigo fazer.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>Não respondeu.</i>
Maria/ 43 anos	<i>Nen uma.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>Até o momento está tudo ok.Os professores todos estão de parabéns.</i>
Reginaldo/18 anos	<i>Não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>Nenhuma.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.



Verificamos que a relação-professor aluno está presente nos relatos e os participantes descrevem que a disciplina em que possuem mais dificuldades é Matemática.

O acolhimento ao aluno envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada um como seu processo de socialização, levando em conta, nas situações de ensino e aprendizagem, dúvidas e inquietações, realidades socioculturais, jornada de trabalho e condições emocionais decorrentes da exclusão escolar (BRASIL, 2002, p. 88).

Alguns alunos não responderam, pela mesma questão da exclusão, ou seja, possuem vergonha de se expor, de não dominarem as ferramentas da leitura e da escrita. Os alunos que frequentam a 5ª série/6º ano chegam à escola com muitas dificuldades de leitura e escrita, e este fato é demonstrado na resposta da aluna Leticia/57anos: “*Eu tenho dificuldades de Matemática, á tenho dificuldades de todas as matérias.*”

Continuando no Eixo Temático 3, os alunos foram questionados sobre a importância dos professores para superação das dificuldades, conforme exposto na sequência.

**Quadro 12: A importância dos professores para superação das dificuldades dos estudantes-Estudantes da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Os professores são importantes para superação dessas dificuldades? Comente sua resposta.
Amélia/ 80 anos	<i>gosto da aula de matemática, o professor é muito bom.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>não respondeu .</i>
Angela/ 66 anos	<i>não respondeu.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>sim.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>sim.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>Sim, porque nos dependemos deles para tirar a nossa dúvida e nossas dificuldades.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
João/ 57 anos	<i>Os professores são importantes.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>não respondeu.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>não respondeu.</i>
Lúisa/ 18 anos	<i>Para mim todos professores são importantes por que ensina tudo com paciência com todos mais para a prender as coisas qui ajente tem dificuldades.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>sim, os professores são importantes para nos ensinar e nos aprender.</i>
Maria/ 43 anos	<i>são muitos.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>sim, quando nos tem alguma dificuldades eles estão sempre a nossa despusição.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>sim, precisamos deles, os professores.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nesta questão, os alunos relatam a importância do professor, mesmo de forma bem sucinta, sendo que os alunos Claudio com 54 anos, Edgard com 43 anos, Márcia com 35 anos, Pedro com 30 anos e Rosângela com 40 anos responderam que os professores são importantes, uma vez que contribuem para a aquisição de novos conhecimentos.

“As necessidades e preconceitos sofridos pelos alunos pelo fato de possuírem uma baixa escolaridade faz com que ocorra, na idade adulta, uma maior valorização do conhecimento escolar” (PEREIRA, 2014, p.372).

Os alunos possuem necessidades que devem ser atendidas por meio da educação, para que tenham um emprego melhor, e até mesmo para socialização. Nesse cenário, é preciso condições de vida em todas instâncias adequadas para a garantia de seus direitos e deveres como cidadãos.

Em se tratando do Eixo Temático 4, Relação professor aluno na EJA, questionamos os alunos sobre como avaliam o processo de interação professor-aluno para o sucesso da aprendizagem e tivemos as seguintes respostas:

**Quadro 13: Avaliação do processo interação professor aluno para o sucesso da aprendizagem. Estudantes da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Como você avalia o processo de interação professor aluno para o sucesso de sua aprendizagem?
Amélia/ 80 anos	<i>Não respondeu.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>O professor esta ai para ensinar a gente, é o que ele diz.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Preciso do professor para aprender.</i>
Claudio/ 54 anos	não respondeu.
Edgard/ 43 anos	não respondeu.
Flávio/ 34 anos	<i>Todos são muito bons e explica as matérias para que agente não fique com dúvidas.</i>
Francisco/ 54 anos	não respondeu.
João/ 57 anos	<i>Ele dá notas</i>
Leticia/ 57 anos	não respondeu.
Ligia/ 45 anos	não respondeu.
Luísa/ 18 anos	<i>avalia o processo de interação do professor com o aluno.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>bom</i>
Maria/ 43 anos	<i>Pra entender melhor as matérias.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>O professor e aluno tem que ter um ambiente de aprendizagem tendo isso com certeza vai ter um grande sucesso.</i>
Reginaldo/ 18 anos	não respondeu.
Rosângela/ 40 anos	não respondeu.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Diante das respostas, verificamos que para o aluno, o professor é aquele que dá notas, é bom, e explica bem. Muitos alunos não responderam, demonstrando que não está clara esta questão, embora tenha sido discutida no momento da aplicação do questionário.

“Escrever sobre alguma coisa faz com que se construa uma experiência de reflexão organizada, produzindo, para quem escreve, um conhecimento mais aprofundado da prática, de crenças pessoais, do que se sabe e do que não se sabe” (BRASIL,2002, p. 110).

Persiste na EJA o sentimento da vergonha de se expor por não saber, e dizer o que sabe e o que não sabe.

Questionamos os alunos se eles esclarecem suas dúvidas com o professor, e tivemos as seguintes respostas:

**Quadro 14: Se o aluno esclarece suas dúvidas com o professor. Estudantes da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Esclarece suas dúvidas com o professor?
Amélia/ 80 anos	<i>Não.</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Não.</i>
Angela/ 66 anos	<i>não respondeu.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>não respondeu.</i>
Flávio/ 34 anos	<i>não tenho dúvidas porque eles sempre estão prontos para nos ajudar.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>não.</i>
João/ 57 anos	<i>tempo de ensinar.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>não respondeu.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>não respondeu.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>Minhas dúvidas não é nenhuma.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>Não.</i>
Maria/ 43 anos	<i>Sim, hoje estou bem melhor em matemática e também nas outras matérias.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>Sim, eles estão sempre nos ajudando.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>não tenho dúvidas.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os alunos Amélia/80 anos, Antônia/43 anos, Francisco/54 anos, e Márcia/35 anos responderam que não esclarecem suas dúvidas com o professor, Ângela/66 anos, Claudio/54 anos, Edgard/43 anos, Leticia/57 anos, Reginaldo/18 anos e Ligia/45 anos, não responderam a questão. Os alunos: Flavio/34 anos, Luísa/18 anos, Maria/43 anos e Rosangela/40 anos responderam que não possuem dúvidas. O aluno Flavio/34 anos respondeu: “*não tenho dúvidas porque os professores estão sempre prontos para nos ajudar*”.

A interrupção da trajetória escolar produz nos alunos da EJA, muitas vezes, um comportamento bastante introvertido e o medo de se posicionar, de dar sua opinião; desse modo, o resgate de sua autoestima, a construção da confiança em suas próprias opiniões são capacidades importantes a serem desenvolvidas, aliadas também a ideia de que é preciso ouvir as opiniões dos outros, considerá-las, permanecendo aberto ao diálogo (BRASIL, 2002, p.115).

Há também o relato do aluno Pedro com 30 anos: "*Sim, esclareço minhas dúvidas e os professores estão prontos a nos ajudar.*"

Verificamos que na trajetória escolar de cada aluno quando inicia sua escolarização no 2º segmento da EJA, as marcas do fracasso escolar são muito evidentes, e o processo de ensino e aprendizagem fica comprometido.

Ainda no Eixo Temático 4, perguntamos qual a disciplina que o aluno mais gosta, e tivemos as respostas a seguir:

**Quadro 15: A disciplina preferida dos estudantes. Estudantes da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
	Qual disciplina que mais gosta?
Amélia/ 80 anos	<i>Matemática .</i>
Antônia/ 43 anos	<i>Português.</i>
Angela/ 66 anos	<i>Matemática, o professor é bonzinho.</i>
Claudio/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
Edgard/ 43 anos	<i>não responde</i>
Flávio/ 34 anos	<i>matemática por que e a matéria que sempre gostei.</i>
Francisco/ 54 anos	<i>não respondeu.</i>
João/ 57 anos	<i>Orario.</i>
Leticia/ 57 anos	<i>não respondeu.</i>
Ligia/ 45 anos	<i>Istória.</i>
Luísa/ 18 anos	<i>mais disciplina que eu mais gosto e matemática por que e muito boa de aprender tudo mais eu gosto de todas as aulas soqui gosto mais de matemática.</i>
Marcia/ 35 anos	<i>aprender.porque quero arrumar um emprego melhor.</i>
Maria/ 43 anos	<i>aluno não ficar nos corredores.</i>
Pedro/ 30 anos	<i>respeito na sala de aula tendo respeito a escola vai bem.</i>
Reginaldo/ 18 anos	<i>não respondeu.</i>
Rosangela/ 40 anos	<i>sim, gosto de matemática.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os alunos citam algumas disciplinas, conforme exposto. Destacamos que o professor de Matemática possui um bom relacionamento com os alunos, como verificamos nos relatos anteriores. “Contribuir para o processo de acolhimento dos alunos da EJA não é tarefa

simples, pois envolve lidar com emoções, motivações, valores e atitudes, responsabilidades e compromissos” (BRASIL, 2002, p. 88).

Registramos também as transcrições referentes às entrevistas semiestruturadas realizadas com os alunos.

Conforme revelam, os alunos retornam à escola, pelas necessidades apresentadas durante seu cotidiano, pois carregam em suas trajetórias de negação dos direitos à saúde, alimentação, à moradia, ao trabalho; as marcas da exclusão social. O depoimento que se segue demonstra que a aluna não quer vir sozinha à escola, sabe que precisa estudar para não ser enganada, como também possui vergonha de ir à lousa, mas gosta dos professores que lhe dão atenção. Reforça que quem trabalha não tem tempo para estudar.

*Uma amiga já estuda aqui e é minha vizinha, moro longe da escola, sempre quis vir, mas não podia vir sozinha, aí ela veio aqui, e eu vim também, tô gostando, mas tenho muitas dificuldades ainda par aprender. Preciso estudar para não ser enganada, mas aqui fazemos muitos amigos, gosto da escola e do pessoal da classe também. O professor de Matemática ensina agente, mas não gosto de ir na lousa quando ele chama, mas ele já sabe disso. Gosto da professora de Geografia, ela conversa bastante com a gente. Estou aprendendo ainda, nois que trabalha não tem tempo pra estudar. (Antonia 43 anos).*

Os alunos inseridos nesta modalidade consideram a escola como uma saída para melhorar a vida, conseguir um emprego melhor. Sem dúvida nenhuma, o tema Trabalho tem um lugar especial na EJA. A inserção no mercado de trabalho de forma precoce também faz parte do depoimento abaixo:

*Procurei essa escola porque é a única que ensina a gente que somos mais velhos, pra melhorar no emprego precisa estudar, quando lá traz não podia estudar, precisei trabalhar pra ajudar meus pais e chegava em casa di noite, não dava tempo. Melhorei bastante em Matemática porque gosto do professor, ele conversa com a gente e vai na carteira e chama na lousa, aula dele é boa, mas gosto de Português (Claudio 54 anos).*

Destacamos a quantidade de saberes que cada um dos alunos trabalhadores possui em função das atividades que realizam ou realizaram. Saberes certamente não-escolares, mas saberes, que a partir deles novos conhecimentos poderão ser construídos, como relato exposto:

*Quando era pequeno tive que parar de estudar pra trabalhar. Quero melhorar no emprego, do jeito que as coisas tão, precisamos estudar. Morei*

*na roça e tive que ajudar meus pais quando era pequeno, mas sai cedo pra vir pra cidade e agora tô estudando, mas falta muito ainda (Flávio 34 anos).*

O retorno à escola se torna diferente quanto ao sexo. Muitas vezes, a mulher, quando criança, foi impedida pelo pai de estudar, e, na fase adulta, foi impedida pelo marido de estudar.

*Trouxe meus documentos nessa escola pra estudar, quando era pequeno meu pai não deixou estudar, sai de casa e casei, e meu marido também não deixou estudar, parei 35 anos e voltei agora, tô contente. Gosto dos professores, a gente é pobre né, o governo faz bem pra gente dando essa escola pra estudar e os professores também, assim tá bom. (Leticia 57 anos)*

Os relatos retratam a trajetória escolar dos alunos da EJA, evidenciando as dificuldades no percurso escolar, família, a inserção no mercado de trabalho ainda de forma precoce, o local de moradia, às vezes, muito distante da escola e há casos quando a mulher deixa de estudar para cuidar dos filhos menores. Os dados coletados por meio do questionário e da entrevista semiestruturada evidenciam a importância do acolhimento, da relação professor-aluno para a continuidade dos estudos com o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Ao ingressarem nos cursos de EJA os alunos ampliam as possibilidades de socialização, isto é, convivem em um ambiente social que oferece a possibilidade de convivência saudável com outras pessoas de mesma condição e a realização de atividades proveitosas e gratificantes” (BRASIL, 2002, p. 94).

Verificamos que a ausência do acolhimento e a pouca socialização presente na escola, é motivo de insucesso no ensino e aprendizagem, resultando muitas vezes na evasão escolar.

## **5.2. As vozes dos professores da Educação de Jovens e Adultos - EJA**

Apresentamos, inicialmente, o Quadro 15 referente ao perfil dos educadores, contemplando idade, formação, Disciplina que lecionam na EJA e tempo de atuação nessa modalidade de ensino. Enfatizamos que os nomes dos professores são fictícios, preservando a identidade de cada participante.

**Quadro 16: Perfil dos professores da EJA**

Professor	Idade	Formação	Disciplina que leciona na EJA	Tempo de atuação na EJA
Carolina	46 anos	Português - Grego	Português	1 ano e 6 meses
Geraldo	33 anos	Matemática	Matemática	4 meses
Heloisa	43 anos	Ciências Biológicas e Pedagogia com pós-graduação em Psicopedagogia	Ciências	9 anos
Mariana	61 anos	História e pós-graduação	História	16 anos
Rita	51 anos	Geografia e pós-graduação em Meio Ambiente	Geografia	24 anos

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os professores que lecionam na EJA, em escola municipal localizada no interior de São Paulo, onde a pesquisa foi desenvolvida, são especialistas em cada disciplina de acordo com a matriz curricular. Em específico na sala de aula com os alunos que são sujeitos da pesquisa, os professores são em sua maioria efetivos na unidade escolar, com exceção de três professores que são efetivos na rede municipal, mas não possuem sede na unidade escolar, ou seja, assumiram aulas após o início das mesmas devido ao aumento de salas de aula.

Quanto à formação para lecionar na EJA, os professores possuem curso de graduação com a especialidade de opção e na matriz curricular não contemplava a disciplina para EJA. Os professores Heloisa, Mariana e Rita, possuem pós-graduação, em outras especialidades.

“O desenvolvimento profissional do professor de EJA e suas competências são construídos num processo contínuo, que começa em sua formação inicial e continua durante o desempenho de suas atividades, sendo, portanto, permanente” (BRASIL, 2002, p. 141).

Durante os horários de HTPC-Horário de Trabalho Pedagógico – são abordados temas de acordo com o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar e, em como trabalhar com os alunos inseridos na EJA, das leituras de autores que tratam desta modalidade de ensino.

A capacitação dos educadores se impõe pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos nos programas de alfabetização e educação de jovens e adultos. [...] As dificuldades de instituição e consolidação de espaços de formação decorrem de múltiplos fatores, como a persistência da visão equivocada que concebe a educação de jovens e adultos como território sempre aberto à improvisação; a precariedade do mercado de trabalho, que não proporciona a construção de carreiras profissionais; e o escasso envolvimento das instituições de ensino superior com um campo educativo de pouco prestígio e baixo grau de formalização” (DI PIERRO, 2005, p. 1132).

Vale destacar que, apesar dos avanços quanto à formação de professores para a modalidade de EJA, ainda temos muito por construir nessa direção.

Seguem os Eixos Temáticos organizados para a análise de dados referentes aos professores participantes desta pesquisa. Abaixo de cada eixo temático elencamos as questões correspondentes.

### **Quadro 17: Eixos Temáticos – Professores da EJA**

Eixos temáticos – Professores
<p>1. Compreensão da EJA e seu papel nessa modalidade de ensino</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como visualiza ensinar na modalidade EJA?</li> <li>• Qual o seu papel como docente, no processo de ensino e na aprendizagem dos educandos?</li> <li>• Como você, educador de EJA, compreende a aprendizagem dos alunos?</li> </ul>
<p>2. Ensino e aprendizagem na EJA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quais as expectativas que possui em relação ao processo de aprendizagem dos alunos?</li> <li>• Quais as principais dificuldades que você percebe no processo de ensino aprendizagem dos alunos da EJA?</li> <li>• Por que considera importante a aprendizagem da leitura e da escrita pelos alunos que frequentam a EJA?</li> <li>• Além de aprender o código escrito, quais outras aprendizagens que você considera necessárias para os alunos que frequentam a EJA. Comente:</li> </ul>
<p>3. Relação professor-aluno na EJA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como você compreende a relação professor-aluno na EJA?</li> <li>• Como se dá a relação professor-aluno em sala de aula? Comente sobre suas experiências, sobretudo, em relação à turma 5ª série/6º ano.</li> <li>• Se desejar, pontue outras questões que considera pertinentes em se tratando da relação professor aluno na EJA e o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Apresentaremos as respostas dos professores participantes deste estudo, transcritas de acordo com a escrita deles.

Em se tratando do Eixo Temático 1, Compreensão da EJA e seu papel nessa modalidade de ensino, questionamos como o professor visualiza ensinar na modalidade EJA e, na sequência, apresentamos as respostas dos professores:



**Quadro 18: Como o professor visualiza ensinar na EJA- Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO-RESPOSTAS
PROFESSORES	Como visualiza ensinar na modalidade EJA?
Carolina/ 46 anos	<i>A EJA é uma oportunidade de muitas pessoas resgatarem o tempo perdido, os sonhos e até mesmo a cidadania. Por isso, o ensino na EJA envolve muito mais do que o conteúdo programático. É necessário estar voltado à realidade, levando em consideração que essa modalidade envolve jovens e adultos com suas expectativas e vivências.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Ensinar apropriando-se dos conhecimentos que os alunos já possuem.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>A modalidade EJA requer alguns conhecimentos sobre a aprendizagem dos adultos, como ela se dá, suas dificuldades para melhor ensinarmos nesta modalidade. Também há uma carência bem acentuada na atenção desta modalidade que deve ser feita com muito diálogo para descobrirmos as falhas na educação de cada aluno.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Visualizo alunos (pessoas) que na maioria das vezes foram excluídos da sociedade de alguma forma, ou do sistema educacional. Essas pessoas estão normalmente sedentas por concluir uma etapa da vida escolar que perderam. O Estado tem por obrigação reparar essa exclusão.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Compensador, gratificante, um contínuo aprendizado.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os professores relatam a necessidade de respeitar a trajetória de vivências que os alunos trazem para a escola, e que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, e sim envolver os alunos por meio do acolhimento e do diálogo, e como afirma Freire (1996, p.38): “Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo é dialógico e não polêmico.

A professora Heloisa acentua que precisa descobrir as falhas que os alunos possuem através de diálogo, como também, que os professores precisam adquirir conhecimentos sobre esta modalidade para melhor ensinar na EJA, e que o Estado possui como obrigação reparar essa exclusão. Destacamos o relato do professor Geraldo: “*Ensinar apropriando-se dos conhecimentos que os alunos já possuem*”.

Os professores foram questionados sobre qual o seu papel como docente, no processo de ensino e na aprendizagem dos educandos e obtivemos as seguintes respostas:

**Quadro 19: O papel do docente no processo de ensino e aprendizagens dos educandos. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Qual o seu papel como docente, no processo de ensino e na aprendizagem dos educandos?
Carolina/ 46 anos	<i>O papel do professor é selecionar conteúdos e metodologias que atendam ao público jovem e adulto, mediando os saberes já adquiridos com os saberes formais. Nesse sentido, saber ouvir, valorizar e promover o compartilhamento das experiências.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Transmitir conhecimentos, valores tendo como foco a aprendizagem dos alunos. Garantir a atenção dos alunos através de aulas diferenciadas.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>Meu papel como docente é facilitar ao máximo a aprendizagem dos alunos utilizando de múltiplas metodologias de ensino e ferramentas como: Informática, Vídeos, experiências, textos, visitas pedagógicas, revistas, jornais entre outros. Também preciso estar bem informada sobre atualidades para me aproximar mais da realidade dos alunos.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Estimula-los a refletir, a pesquisar, a olhar o mundo a sua volta. Passar o meu conhecimento, relacionando com o conhecimento do aluno e a experiência do aluno. Apontar ao aluno que o seu passado, tem permanência na atualidade. Auxilia-lo em suas dificuldades.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Meu papel como docente deve ser o de orientar e tentar ajudar o meu aluno em seu dia a dia escolar.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Verificamos que para os professores da EJA o processo de ensino e aprendizagem na EJA envolve: "*selecionar conteúdos e metodologias*", "*saber ouvir, valorizar e promover o compartilhamento das experiências*", de acordo com a professora Carolina com 46 anos. Para o professor Geraldo com 33 anos. "*é transmitir conhecimentos com a garantia de obter a atenção dos alunos.*" Acolher os alunos da EJA em sua totalidade, pressupõe acolhê-los como pessoas que carregam suas marcas: "Reeducar o olhar docente para ver os educandos e as educandas em suas trajetórias não apenas escolares, mas também de vida, sua condição de sujeitos sociais e culturais, de direitos totais" (ARROYO, 2001, p. 122).

A professora Heloisa com 43 anos, reforça a ideia de que precisa facilitar ao máximo a aprendizagem dos alunos, já a professora Rita com 51 anos, o papel do professor "*é orientar e tentar ajudar o aluno.*" Para Paulo Freire (2003, p.52), "o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria. Para tanto, torna-se prioritária a prática do diálogo em que ambos, educador e educandos aprendam.

Ao questionarmos os professores sobre como compreendem a aprendizagem de seus alunos, tivemos as seguintes respostas:

**Quadro 20: Como o educador compreende a aprendizagem dos alunos. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Como você, educador de EJA, compreende a aprendizagem dos alunos?
Carolina/ 46 anos	<i>Antes da aprendizagem, penso que é necessário derrubar as barreiras de cada educando, ressignificar o processo, mostrando ao aluno que ele é sujeito desse processo, contribuindo com seus saberes.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Uma aprendizagem que deve ser estimulada através de aulas diferenciadas que cativa atenção desses alunos, respeitando o tempo da aprendizagem de cada um.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>Os alunos da EJA não aprendem como os alunos das séries iniciais. Tem dificuldades de memória, de concentração, de entendimento, de entrosamento entre si. Tudo deve ser adaptado para uma aprendizagem mais eficaz para esta modalidade.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Entendo que o aluno de EJA está em uma realidade de vida diferente do regular. Tiveram dificuldades inúmeras de vida e voltaram a estudar voluntariamente. Estão interessados em aprender, mas muitas vezes, sua experiência de vida lhe traz um enorme conhecimento. Nesse sentido é uma troca de conhecimento.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Cada qual no seu tempo. Procuro respeitar a individualidade e preferência do educando, fazendo-o compreender a necessidade e a importância da escola na vida de qualquer pessoa.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nesta questão sobre aprendizagens dos alunos, destacamos nos relatos que se deve derrubar barreiras, respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, e ao mesmo tempo o relato de que tudo deve ser adaptado para uma aprendizagem eficaz, como também respeitar o fato de que os alunos tiveram muitas dificuldades na vida e voltaram a estudar de maneira voluntária e que cada um possui sua individualidade e preferências. “Os alunos jovens e adultos, pela sua experiência de vida, são plenos deste saber sensível. A grande maioria deles é especialmente receptiva às situações de aprendizagem [...]” (BRASIL, 2006, p. 7).

Verificamos que o professor possui conhecimento sobre a trajetória dos alunos, a condições de vida que trazem, suas expectativas e vivências.

No Eixo Temático 2, Ensino e Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, os professores responderam sobre quais as expectativas que possuem em relação à aprendizagem dos alunos:

**Quadro 21: Expectativas do educador em relação ao processo de aprendizagem dos alunos. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Quais as expectativas que possui em relação ao processo de aprendizagem dos alunos?
Carolina/ 46 anos	<i>Desenvolver no aluno a capacidade de se enxergar sujeito nesse processo, despertar o gosto pelo aprendizado, criticidade e autonomia em busca do conhecimento.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Melhoria contínua, tentando no máximo fazer com que a aprendizagem em sala de aula possa auxiliá-los nas tarefas do dia a dia.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>As expectativas que possuo são positivas, pois vejo meus alunos vencendo suas dificuldades ao longo das séries e melhorando sempre, uns mais depressa, outros mais devagar, mas sempre avançando no processo de aprendizagem.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Embora a gente tenha expectativas sempre, estou aprendendo a ouvi-los também.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Fazê-los refletir sobre a sociedade em que vivemos, participar e ir adiante em seus estudos.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Diante dos relatos sobre quais expectativas que os professores possuem em relação ao processo e ensino e aprendizagem, verificamos que os professores relatam que estão ouvindo os alunos, quebrando paradigmas, fazem com que os alunos reflitam sobre a sociedade em que vivem, rompendo com o ensino tradicional que trazem e que chegam à escola com este olhar.

De acordo com Arroyo (2017, p. 139): “Vimos que os docentes-educadores se reconhecem profissionais da garantia dos direitos dos educandos ao conhecimento, avançando para garantir seu direito a conhecer os processos de produção do conhecimento”.

Os professores responderam à questão relacionada às principais dificuldades que percebem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA

Quadro 22: Principais dificuldades que o educador visualiza no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA. Professores da EJA.

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Quais as principais dificuldades que você percebe no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da EJA?
Carolina/ 46 anos	<i>A dificuldade está em inseri-los em um modelo de educação que rompa com o tradicional que trazem. Mostrar que aprendemos com filmes, com diálogos, com pesquisas, músicas. Eles chegam com idéia de que copiar e decorar é o único meio e que o professor é o detentor de todos os saberes, não entendendo que trazem experiências riquíssimas também.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Sala heterogênea com vários níveis de aprendizagem.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>As principais dificuldades correspondem a terem parado de estudar por muito tempo, na leitura e na escrita, na memorização de conceitos e no seu entendimento; ma atenção e concentração nas atividades, nas faltas por diversos motivos, entre outros.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Temos muito jovens e menos alunos mais adultos. Os adultos se incomodam com os adolescentes, que brincam, conversam e atrapalham quando eles estão prestando toda a atenção.</i>
Rita/ 51 anos	<i>O cansaço, a falta de tempo pois a grande maioria trabalha e as poucas expectativas que o nosso país proporciona.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Relatam também que as salas de aula da EJA são heterogêneas com vários níveis de aprendizagem, como também a faixa etária entre os adolescentes e adultos.

O perfil marcadamente juvenil que a educação escolar de adultos adquiriu no Brasil na última década deve-se à combinação de fatores ligados ao mercado, mercado de trabalho (exigência de certificação escolar) e ao sistema educativo (elevada defasagem na relação idade/série), potencializados pela redução da idade mínima permitida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para a frequência a essa modalidade de ensino (DI PIERRO, 2005, p. 1122).

Verificamos a importância da relação professor aluno por meio da dialogicidade na EJA. Conforme Paulo Freire (2011, p.108): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Os professores pontuaram em seus relatos as dificuldades encontradas pelos alunos quanto às idas e às vindas para a escola, após um dia longo de trabalho, diminuindo a concentração nas atividades propostas, dificultando o desenvolvimento da aprendizagem, como também que os alunos esperam da escola um ensino tradicional, onde o professor exhibe na lousa o conteúdo a ser trabalhado, e os alunos fazem cópia.

Embora já se tenha mencionado neste trabalho é válido retomar que “Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade” (FREIRE, 2011, p.168).

Ainda no Eixo Temático 2, que trata sobre Ensino e Aprendizagem na EJA, tivemos as respostas referentes à questão: porque considera importante a aprendizagem da leitura e escrita pelos alunos que frequentam a EJA?

**Quadro 23: Como o educador visualiza a importância a aprendizagem da leitura e da escrita pelos alunos da EJA. Professores da EJA**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Por que considera importante a aprendizagem da leitura e da escrita pelos alunos que frequentam a EJA?
Carolina/ 46 anos	<i>A leitura propicia ao aluno entender o mundo, ampliar seus conhecimentos e tornar-se seguro no processo ensino-aprendizagem. A escrita é mais um instrumento para se expressar e se comunicar. Aprimorar a escrita formal, assegura-lhe maiores oportunidades como cidadão.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Facilita a comunicação, melhorando assim a intenção com a sociedade em geral.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>A leitura, a escrita faz parte do cotidiano do aluno, assim a escola deve dar uma atenção especial para o aluno, entender melhor o que acontece ao seu redor. Também deve aprender a ler o mundo, como diz Paulo Freire.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Porque muitos necessitam ascender profissionalmente e conseguem. Outros a gente vê o brilho de alegria no olhar quando aprendem algo novo que foi passado aqui nas nossas aulas.</i>
Rita/ 51 anos	<i>A leitura é a porta de entrada para o aprendizado, para dar continuidade aos estudos e assim buscar aquilo que desejam.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Conforme relato dos professores, verificamos que os alunos da EJA, especificamente dos alunos da 5ª série, sujeitos desta pesquisa, procuram a escola para adquirir novas ferramentas de leitura e escrita para assegurar melhor oportunidade de trabalho, como também se inserir nesta sociedade totalmente letrada.

“A EJA identificada historicamente como uma educação para alunos que estão no mercado de trabalho, mas querem melhorar suas condições profissionais- é hoje uma educação de alunos que veem nela uma chance de inserção no mercado de trabalho”

(BRASIL, 2002, p. 75). Esse mesmo aluno que é inserido na escola está exercendo o direito de estudar e deve ser acolhido.

Em se tratando da indagação: Além de aprender o código escrito, quais outras aprendizagens que você considera necessárias para os alunos que frequentam a EJA? Tivemos as seguintes respostas:

**Quadro 24: Aprendizagens necessárias para os alunos que frequentam a EJA, além do código escrito. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Além de aprender o código escrito, quais outras aprendizagens que você considera necessárias para os alunos que frequentam a EJA. Comente.
Carolina/ 46 anos	<i>É importante a expressão oral, a argumentação, a leitura de imagens e estabelecer relações entre a linguagem verbal e não verbal, a criticidade.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Valores, oralidade, comunicação, etc.</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>Os alunos da EJA devem aprender a ler o mundo de uma forma crítica, aprender a ter um lugar seu neste mundo, a conquistar o seu lugar e poder mudar a sua história para melhor.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>A necessidade de mostrar a eles que é um mito a ideia de que eles não aprendem as técnicas atuais. -Tudo se pode aprender, desde os mais velhos até os amis novos equipamentos da modernidade. O computador não é um monstro intransponível. E que pode ajuda-los a se inserir na sociedade atual.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Todas as aprendizagens se complementam.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Pontuamos nestas respostas a importância que é dada à oralidade, que o aluno deve aprender a ler o mundo de forma crítica e inseri-los no mundo da tecnologia no qual enfrentam muitas dificuldades e acreditam que não irão aprender, visto que possuem medo.

Mas há outro ponto que eu creio que é muito importante. “Essa compreensão do medo não é uma coisa que me diminui, mas que me faz reconhecer que sou um ser humano. Esse reconhecimento chama minha atenção no sentido de estabelecer limites quando o medo me diz que não devo fazer isto ou aquilo. Está claro? Tenho que estabelecer os limites do meu medo” (SHOR, FREIRE, 2011, p. 97).

Aprendemos a não ter medo diante das dificuldades que nos são apresentadas, e conforme Freire e Shor (2011), devemos domesticar o nosso medo para vencermos cada dia.

O Eixo Temático 3 trata da relação professor-aluno na EJA e incluiu a seguinte questão: Como você compreende a relação professor aluno na EJA? O quadro 25 apresenta as respostas dos professores.

**Quadro 25: Como é compreendida pelo educador a relação professor aluno na EJA. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Como você compreende a relação professor aluno na EJA?
Carolina/ 46 anos	<i>A relação entre professor-aluno na EJA precisa ser pautada sempre no diálogo e respeito, considerando a história e dificuldades desse aluno. Acolher, valorizar e dar voz é o ideal.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Uma relação respeitosa onde o professor deve também estar atento para aprender com os inúmeros conhecimentos que os alunos podem nos oferecer</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>A relação professor-aluno na EJA deve ter muito diálogo para facilitar o relacionamento e o aprendizado também. Quando o aluno confia no professor, ele o respeita também e a aprendizagem fica mais fácil. Nada deve ser imposto, mas conversado e construído.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Acredito também que na EJA ouvir é muito importante. Na minha disciplina, muitas atividades são relacionadas ao passado. O aluno da EJA, normalmente quer falar do seu passado. Então, eu tento abordar o tema do aluno com os temas da “História”, com a política, e a economia.</i>
Rita/ 51 anos	<i>Compreendo a relação professor aluno como relação entre as pessoas em primeiro lugar, respeitando o espaço.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Verificamos diante das respostas que os professores se pautam na relação com respeito quanto à relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, aprendendo e construindo juntos, que nada pode ser imposto, cada qual respeitando o espaço do outro. O aluno precisa ser ouvido. Conforme Freire (2011, p.168):“Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade”.

Também fizemos a seguinte questão: Como se dá a relação professor-aluno em sala de aula? Comente sobre suas experiências, sobretudo, em relação à turma 5ª série/6º ano.



**Quadro 26: Comentários dos professores sobre a relação professor aluno em sala de aula da EJA-5ª série/6º ano. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Como se dá a relação professor-aluno em sala de aula? Comente sobre suas experiências, sobretudo, em relação à turma 5ª série/6º ano.
Carolina/ 46 anos	<i>Os alunos da 5ª série/6º ano chegam muito retraídos e com baixas expectativas em relação a si mesmos. Dessa forma, a relação precisa ser pautada no respeito, na horizontalidade e principalmente no acolhimento e valorização. Precisam se certificar que não será mais uma tentativa frustrada em sua vida escolar.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Relação muito boa, onde o respeito prevalece. Respeito em todos os sentidos, principalmente quando do ritmo da aprendizagem. Interação muito boa entre professor e aluno. Tento sempre aproximá-los de mim, da matéria, trazendo-os para resolver problemas na lousa</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>A relação professor-aluno em sala de aula deve ter muito diálogo, paciência para explicar muitas vezes, respeito mútuo, compreensão e psicologia. Eu gosto muito de dar aula na 5ª série, pois vamos vendo a evolução do aluno em tudo, na escrita, na fala, na leitura, na interpretação do mundo ao seu redor.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Tenho tido experiências maravilhosas com as 5ª séries, nossa relação é de muito respeito, tanto de minha parte quanto da parte deles. Tenho conseguido realizar trabalhos em grupo, que no início a gente encontra resistência, porém depois eles se socializam de forma surpreendente. Penso que o avanço que esses alunos alcançam, são enormes para eles, mesmo que para a gente seja pouco</i>
Rita/ 51 anos	<i>Minha experiência com 5ª série/6º ano é maravilhosa. Penso que aprendo junto com eles em muitas situações de vida incríveis que em algumas vezes me emocionaram muito.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Verificamos, de acordo com as respostas, que os alunos chegam muito retraídos na escola, pois ficaram muito tempo fora dela, e neste período da pesquisa que desenvolvemos não tínhamos os anos iniciais na EJA, portanto nem todos os alunos são oriundos de escolas do mesmo estado ou da mesma região. “Quando os alunos percebem a escola atenta às suas necessidades, problemas e preocupações desenvolvem autoconfiança e a confiança nos outros, ampliando as possibilidades de um melhor desempenho escolar (BRASIL, 2002, p. 83).

A experiências relatadas demonstram que os professores estão se envolvendo com a modalidade e percebendo os avanços de ensino e aprendizagem dos alunos de forma positiva.

Ainda, fizemos a seguinte questão aos professores: Se desejar, pontue outras questões que considera pertinentes em se tratando da relação professor aluno na EJA e o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino. Os professores concluíram que:

**Quadro 27: Outras questões que os educadores consideram importantes na relação professor aluno e o processo de ensino e aprendizagem na EJA. Professores da EJA.**

NOME/IDADE	QUESTÃO- RESPOSTAS
PROFESSORES	Se desejar, pontue outras questões que considera pertinentes em se tratando da relação professor aluno na EJA e o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.
Carolina/ 46 anos	<i>Importante reforçar a ideia do diálogo e relações horizontalizadas. Preparar o ambiente, considerando o público, sem remendos ou adaptações mal realizadas do que seria o regular também é importante.</i>
Geraldo/ 33 anos	<i>Não respondeu</i>
Heloisa/ 43 anos	<i>Fico feliz em poder ajudar na aprendizagem de muitos alunos da EJA que chegam carentes de tudo, de atenção, de várias aprendizagens, de respeito, não só econômicas e socialmente. Com a ajuda e atenção dos professores conseguem superar muitas dificuldades e até chegam em Universidades ou arrumar um emprego melhor.</i>
Mariana/ 61 anos	<i>Muitos têm muita timidez, não se sentem inseridos no sistema. Tem uma tendência a se individualizar, ou seja, se recolhem em si mesmos, não são abertos a socialização. Cabe a nós incentiva-los à se relacionar, criando atividades que possa abranger a todos em grupo. Penso que a socialização tem auxiliado muito mais do que o próprio conteúdo da disciplina.</i>
Rita/ 51 anos	<i>A escola deve ter o cuidado com o adulto do EJA pois está estudando fora da “época” pois suas oportunidades com certeza foram diferentes. Penso que a sensibilidade é a palavra chave para mantê-los motivados, acreditando em algo melhor para si.</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Destacamos algumas respostas, de que devemos reforçar a ideia do diálogo, do respeito às diferenças econômicas, sociais, ou seja, a superação das dificuldades encontradas no dia a dia. Em outro relato, a professora Rita / 51 anos, reforça a ideia de que a escola deve ter cuidado com este aluno, pois ele está estudando fora de época.

A escola deve ter o cuidado com o adulto do EJA, pois está estudando no período não considerado regular, isso porque suas oportunidades de escolarização foram diferentes. Pontuamos que a sensibilidade é a palavra chave para mantê-los motivados, acreditando em algo melhor para si.

Registramos, a seguir, respostas dos professores em se tratando da entrevista semiestruturada.

Os professores que não são efetivos na unidade escolar, local da pesquisa, participam de escolha de classes de acordo com a classificação geral, e que atualmente é realizado uma classificação separadamente para os interessados na EJA, e segue regras de pontuação, de acordo com cursos voltados para essa modalidade, e o tempo de exercício na modalidade. Estas aulas são vistas como sobras, ou para completar uma jornada de trabalho diária. Conforme o relato, o professor conhece a modalidade nas reuniões de HTPC- Horário de Trabalho Pedagógico, momento de formação.

*Fui na atribuição de aulas na secretaria e sobraram algumas salas de aula no Neja- (escola que contempla a modalidade) e eu tinha que completar minha jornada, peguei as aulas, mas me disseram que era bom dar aulas na EJA , Não sou efetivo na escola. Gosto da disciplina, é muito importante que os alunos aprendam a fazer cálculos, pois eles já sabem fazer compras, conferir o troco, a dificuldade mesmo é escrever o problema, ainda escrevem muito errado. Me dou muito bem com os alunos, converso bastante, sou amigo de todos, os alunos não possuem tempo para estudar em casa, fica mais difícil. Estou aprendendo bastante nos horários de HTPC, onde trocamos informações e estudamos sobre a EJA (Geraldo -33 anos).*

Em alguns casos, no momento da atribuição, se tiver uma carga horária completa na modalidade, o professor inscrito e interessado na EJA, é permitido sua remoção para outra unidade escolar. O relato da professora confirma o envolvimento com os alunos, a relação professor- aluno para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça.

*Eu dava aula numa escola de ensino fundamental regular aqui no município, quando ao final do ano, no período de Atribuição, e remoção, tive a oportunidade de pedir remoção para uma escola de EJA, gosto demais de trabalhar com esta modalidade, me encontrei, ajudo nos projetos, oriento os alunos e até trouxe a minha mãe para estudar aqui, a gente vem junto. Sou efetiva na escola muito importante a disciplina que leciono, envolve a aprendizagem na leitura e escrita, importante reforçar a ideia do diálogo e não se deve fazer remendos ou adaptações mal realizadas do que seria o regular. (Carolina-46 anos)*

Os questionários propostos no decorrer da coleta de dados com os docentes acabaram cumprindo a função de revelar o trabalho realizado pelos professores e sua proporção diante da aprendizagem dos alunos e professores, contribuindo desta forma para uma reflexão de

como se pode investir na formação dos professores como também na orientação aos alunos quanto ao empoderamento de seus direitos.

Ao reeducarmos no nosso olhar docente, à luz do legado da educação popular, poderemos superar a negatividade ainda tão presente em nossas abordagens sobre os alunos da EJA, ainda referidos por meio de uma visão marcada pela “carência”, o que acaba por reafirmar uma postura preconceituosa e estigmatizada (GIOVANETTI, 2015, p. 247).

A seguir, apresentaremos algumas considerações finais sobre o estudo realizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade de ampliar a discussão e a reflexão sobre a temática estudada neste trabalho, estas são considerações finais sobre um tema relevante que necessita de reflexão e de medidas que sejam realmente eficazes para que a relação professor-aluno na EJA possa contribuir com o ensino e aprendizagem dos alunos matriculados nesta modalidade e não tão somente na 5ª série/6º ano do ensino fundamental EJA.

De acordo com a legislação apontada para EJA, de uma forma geral, apesar dos avanços realizados, as deficiências do sistema escolar brasileiro ainda produzem grandes contingentes de pessoas com escolaridade insuficiente, lançando no horizonte a necessidade de construir um sistema educacional que melhore a qualidade do ensino oferecido em todas as modalidades, contemplando a EJA e orientando as políticas para a superação das desigualdades educacionais e sociais (BRASIL 2009).

Infelizmente, as metas do PNE estão ainda longe de serem alcançadas e a importância do documento como norte das políticas nem sempre é plenamente assumida pelos poderes executivos. Os limites impostos pela exclusão da EJA do Fundef só seriam revertidos a partir de 2007, quando o legislativo aprovou Emenda Constitucional transformando o Fundef em Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, abarcando também a educação infantil, o ensino médio e a EJA, que antes estavam excluídos desse mecanismo de financiamento (BRASIL, 2009, p. 87).

Nesse contexto, faz-se necessário o cumprimento dessa legislação e que os jovens e adultos possam ter uma educação escolar de qualidade e claramente orientada para a promoção da justiça social, do desenvolvimento sustentável e da solidariedade; aliada a políticas públicas que promovam o acesso ao conhecimento e a aprendizagem ao longo da vida, centrando nos grupos menos privilegiados.

Consideramos de suma importância as contribuições de Paulo Freire para melhoria das ações dos educadores que atuam nas salas de aula da EJA; portanto, as ações desenvolvidas com relação ao tema proposto, objeto desta pesquisa, tem como base especialmente as ideias apresentadas pelo autor.

Destacamos, nesse contexto, que a unidade escolar deve propor medidas direcionadas à redução da vulnerabilidade social dos jovens e adultos excluídos dos processos de escolarização contínua, com acolhimento, solidariedade e a valorização da autoestima do educando, respeitando sua aprendizagem anterior e sua experiência de vida. Importante destacar:

Reconhecer a diversidade e buscar formas de acolhimento requer, por parte da equipe escolar, disponibilidade, informações, discussões, reflexões e algumas vezes ajuda externa de outros profissionais. O acolhimento ao aluno envolve tanto a valorização dos conhecimentos e da forma de expressão de cada um como seu processo de socialização levando em conta, nas situações de ensino e aprendizagem, dúvidas e inquietações, realidades socioculturais, jornada de trabalho e condições emocionais decorrentes de exclusão escolar (BRASIL, 2002, p. 88).

Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm) A relação professor-aluno é fundamental para facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos.

Os dados coletados por meio do questionário e entrevista semiestruturada com alunos e professores permitem inúmeras reflexões. Entre elas, destacamos a exclusão escolar vivenciada pelos alunos da EJA durante sua trajetória de vida, a visão ainda assistencialista da EJA, para suprir carências do ensino regular, evidenciando pelos alunos uma autodesvalorização pela ausência de escolarização e com isso de conhecimentos válidos.

O aluno retorna à escola depois de um dia de trabalho, trazendo em suas histórias a exclusão de não ter tido a oportunidade de continuar os estudos, ou ter sido excluído do ensino regular. Ser escolarizado é a condição básica para participar da sociedade de forma autônoma, e de manter o acesso aos bens culturais, sociais e exercer o direito como um todo. A interrupção da trajetória escolar produz nos alunos da EJA, muitas vezes, um comportamento de timidez, e o medo da participação em sala de aula, portanto se faz necessário trabalhar o resgate da autoestima e a construção da confiança em suas falas, presentes nos relatos dos alunos. Isso ficou evidente nos relatos que apresentam e até mesmo no receio de escrever suas ideias no questionário que lhes foi solicitado.

Os professores não possuem formação específica em EJA, participam de cursos oferecidos pela Secretaria Municipal da Educação no município em que atuam, e nos momentos de formação na unidade escolar nos encontros de HTPC-Horário de Trabalho Pedagógico, os professores se encontram para aprender sobre EJA.

Há professores também que revelam afirmações da carência dos alunos e o papel da escola no sentido de supri-las. Ainda, ressaltamos, pelos dados coletados, a importância da afetividade na relação professor e aluno para o processo de ensino e aprendizagem e a valorização dos saberes dos alunos pelos docentes.

Conforme os relatos dos professores, visualizamos uma EJA com possibilidades de avanços, conforme por exemplos citados nas respostas dos questionários.

Esta pesquisa nos permite refletir o quanto a EJA precisa de pessoas engajadas no trabalho, na luta pelos direitos daqueles que procuram por uma educação de qualidade. A pesquisa traz dados que poderão ser utilizados nos projetos, como forma de atualização e espaço para as vozes de alunos e professores manifestadas nesta pesquisa.

A partir dos resultados deste trabalho, por meio da Secretaria Municipal da Educação, há como proposta oferecer um curso de formação para os professores da EJA, tendo como um dos temas centrais "Relação professor-aluno na EJA: com ênfase no processo de ensino e aprendizagem", assim como demais temas que surgiram durante a realização desta pesquisa. Intencionamos também a partilha deste trabalho no próximo Seminário de Educação de Jovens e Adultos, que será ofertado pela rede municipal de Educação.

Assim, como produto desta pesquisa, se faz necessária a viabilização de cursos de formação para os educadores da EJA, focalizando nas vozes dos alunos e professores, com base nos relatos deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. A. **Educador em diálogo com nosso tempo**. Belo Horizonte Autêntica, 2011.
- ARROYO, M. A. **Educação de jovens e adultos em tempos de exclusão**. Alfabetização e cidadania. São Paulo; Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil, 2001.
- ARROYO, M. A. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**. Petrópolis, Vozes, 2017.
- BEISIEGEL, C. R. **Questões de atualidade na educação popular**. Caxambu, ANPED, 1999.
- BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 344p.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Palácio do Planalto- Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) Acesso em 03 de agosto 2018.
- BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação**. Brasília, DF: Congresso Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm) Acesso em 03 de agosto de 2018.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. DF: Congresso Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 03/08/2018.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB n.1, de 5 de junho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em: [http://confinteabrilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao\\_CNE\\_CEB\\_01\\_2000.pdf](http://confinteabrilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao_CNE_CEB_01_2000.pdf). Acesso em 03 de agosto 2018.
- BRASIL. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos- Alunas e Alunos da EJA**. Brasília, 2006.
- BRASIL. **Documento Base Nacional, Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. 2008 disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea\\_docbase.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf) Acesso em 12 de agosto 2018.
- BRASIL. **Parecer CNE/CEB n.11/2000, de 10 de maio de 2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: Ministério da Educação Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011\\_00.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf) Acesso em 03 de agosto 2018.



BRASIL. **Ministério da Educação:** Princípios, Diretrizes, Estratégias e Ações de Apoio ao Programa Brasil Alfabetizado: Elementos para a Formação de Coordenadores de Turmas e de alfabetizadores.2011. Disponível

em:[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10022-diretrizes-principios-pba-secadi&category\\_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10022-diretrizes-principios-pba-secadi&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192)Acesso em 16 de setembro 2018.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos.** Primeiro Segmento do Ensino Fundamental – nos iniciais. 2001.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos.** Segundo Segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série). 2002.

BRASIL. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos.** VI Confinte. Ministério da Educação – MEC Diretoria de Políticas da Educação de Jovens e Adultos – DPEJA/SECAD-Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2009. Disponível em: [http://confintebrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/documento\\_nacional\\_preparatorio\\_VI\\_CONFINTEA.pdf](http://confintebrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/documento_nacional_preparatorio_VI_CONFINTEA.pdf) Acesso em 17 de setembro 2018

BRASIL, Ministério da Educação, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Declaração de Dacar. **Educação para todos.** Texto adotado pela Cúpula Mundial de Educação Em Dacar, Senegal, de 26 a 28 de abril de 2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Pradime/cader\\_tex\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Pradime/cader_tex_2.pdf)Acesso em 03 de outubro2018.

BRASIL, **Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007.**Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Lei/L11494.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11494.htm) Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

CARVALHO.M. **Primeiras letras:** alfabetização de jovens e adultos em espaços populares. São Paulo, Ática, 2009.

CHARLOT. B. **Os jovens e os saberes:** perspectivas mundiais. Porto Alegre: ARTMED,2001.

DEBESSE, M. A. **A adolescência.** Lisboa: Publicação Europa-América, 1993.

DI PIERRO, M.C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol.26, n. 92. P. 1115-1139, Especial- out.2005

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18>Acesso em 29 de janeiro de 2019.

FEITOSA, S.C.S. Educação de jovens e adultos: memórias e lutas. **Revista Direcional Educador.** Março 2015. Editora Leitura Prima.

FRANCHI, E. P. **Pedagogia da alfabetização:** da oralidade à escrita. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE. A. M. A., GADOTTI, M. (org.) **Paulo Freire-uma biobibliografia: a voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire.** Cortez, 1996. Disponível em: [http://seminario-paulofreire.pbworks.com/f/unid2\\_ativ4paulofreire\\_umabiobibliografia.pdf](http://seminario-paulofreire.pbworks.com/f/unid2_ativ4paulofreire_umabiobibliografia.pdf) Acesso em 07 de março de 2019.

FREIRE. P, GADOTTI. M. (orgs.). MAYOR. F. Paulo Freire-**Uma biobibliografia: primeiras palavras.** Cortez, 1996. Disponível em: [http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF\\_PTPF\\_12\\_069.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf) Acesso em 24 de fevereiro de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE.P, SHOR.I. **Medo e Ousadia cotidiano do professor.**13. ed. SP- Editora Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Política e educação.** 8. ed. Indaiatuba- SP- Villa das Letras, 2007. (Coleção Dizer a Palavra)

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler,** 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez Editora. 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4). Disponível em: [https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf)-acesso em 27/01/2019

FREIRE, P. & HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** 4 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 1999.

GADOTTI, M. Lições de Freire. **Revista Faculdade de Educação.** vol. 23, n. 1-2, São Paulo, jan. /Dez, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551997000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002) Acesso em: 19/ de outubro2018.

GADOTTI, M. **Escola cidadã.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIOVANETTI, Maria Amélia. **A formação de educadores de EJA: o legado da Educação Popular.** In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 243-254.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de jovens e adultos**. ANPED. - Número Especial. Nº 14, pp. 108- 130. Maio/jun./a ago2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf> Acesso em:29 de julho de 2018.

HADDAD, S. Por uma nova cultura na Educação de Jovens e Adultos, um balanço de experiências de poder local. **ANPED**-número 18. 7-10 outubro-2007-Caxambú Disponível em: [http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho\\_encomendado\\_gt18\\_-\\_sergio\\_haddad\\_-\\_int.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho_encomendado_gt18_-_sergio_haddad_-_int.pdf)- Acesso em:14 de janeiro2019.

HENRIQUES, R. **Alfabetização e inclusão social**: contexto e desafios do Programa Brasil Alfabetizado. In: HENRIQUES, R. BARROS; R. P. de; AZEVEDO, J. P. (orgs.). Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006. (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação; n. 1. V. 18) p.13-58. Disponível: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=651-vol18sa-brasilcam-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=651-vol18sa-brasilcam-pdf&Itemid=30192) Acesso em: 16 de outubro2018.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Educação. Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo - Brasil - 2007/2017. Disponível em: <http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html> Acesso em: 03 de agosto de 2018.

LEONCY, T.E.C. Mulheres na EJA: **Questões de Identidade e Gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) -2013.Universidade Estadual de Campinas-Campinas. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250793/1/Leoncy\\_ChristianeEvelynTeixeira\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250793/1/Leoncy_ChristianeEvelynTeixeira_M.pdf) Acesso em 08 de janeiro de 2019.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, C. M. D., PLATZER, M. B. **Educação e trabalho**: concepções e expectativas de estudantes do 2º segmento da EJA. In: CHARARA, D.M. et al., (orgs.). **Processos de Ensino: Perspectivas Plurais**. Junqueira& Marin Editores Araraquara: Junqueira& Marin Editores. 2018. Eixo temático 4. p. 311. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/processos-ensino-gestao-inovacao/producao-intelectual/ebooks/processos-ensino-perspectivas-plurais.pdf> Acesso em: 08 de janeiro 2019

PEREIRA, M. **Trajetórias de Exclusão e novas expectativas**: um estudo sobre Jovens e Adultos em processo de alfabetização no Município de Araraquara-SP.2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) -Universidade Federal e São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2574?show=full>- Acesso em: 08 de janeiro de 2019.

PEREIRA, M., BULFA.E. **Trajetórias de Exclusão**: um estudo sobre jovens e adultos em processo de alfabetização. Disponível em:<https://www.google.com/search?q=Revista+HISTEDBR+Online%2C+Campinas%2C+n%C2%BA+55%2C+p.+361-375%2C+mar2014+%E2%80%93+ISSN%3A+1676-2584+362-&ie=utf-8&oe=utf->

8&client=firefox-b-ab **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 55, p. 361-375, mar2014 – ISSN: 1676-2584 362- acesso em 12 de fevereiro de 2019.

RIBEIRO, M. V. M. (Coord.) et al. **Educação de jovens e adultos**: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1997.

SANTOS, B. de S. **Democratizar a democracia**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. 2003.

SILVEIRA, D. A.; RÊSES, E. da S.; PEREIRA, M. L. P. **Educação de jovens e adultos trabalhadores**: análise crítica do programa brasil alfabetizado. Brasília: Editora Paralelo 15, 2017.

STRECK, R.D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire: uma breve cartografia Intelectual**. In: STRECK, R. D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

## APÊNDICES

### Apêndice A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA ALUNOS)

Título do Projeto: Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem

Pesquisador Responsável: Helena Silva de Oliveira

Nome do participante:

Idade:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### **Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por finalidade investigar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA -, enfatizando especialmente a relação professor-aluno e suas contribuições no processo de ensino e aprendizagens significativas pelos educandos.
2. Ao participar deste trabalho estarei contribuindo para pesquisas na área de Educação, sobretudo, no que se referem a modalidade de ensino da EJA Minha participação também permitirá que eu reflita sobre a minha formação e atuação profissional.
3. A minha participação como voluntário, no que se refere à entrevista a ser realizada na biblioteca da escola, deverá ter a duração de aproximadamente 01 hora.
4. Durante a minha participação na pesquisa, poderei me sentir desconfortável e/ou constrangido (a) no momento de responder a questões que envolvem minhas práticas de leitura e escrita em diferentes espaços sociais, bem como as implicações dessas práticas no decorrer de minha formação e atuação profissional. Dessa forma, estou ciente de que a pesquisadora responsável estará preparada para as orientações e esclarecimentos necessários para contribuir com meu bem-estar.
5. A coleta de dados será realizada conforme procedimentos técnicos recomendados e usuais (entrevista audiogravada).

6. Os procedimentos aos quais serei submetido não provocarão danos morais, físicos, financeiros ou religiosos.
7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido pela pesquisadora, recebendo o valor, em dinheiro, na íntegra. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determinação.
8. Poderei deixar de participar do estudo a qualquer momento sem prejuízo do meu tratamento.
9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurado assim a minha privacidade e se desejar, deverei ser informado dos resultados da pesquisa.
10. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos poderei entrar em contato com a professora responsável pelo Projeto de Pesquisa.

Diante dos esclarecimentos prestados, concordo em participar do projeto "Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem", na qualidade de voluntário (a).

Araraquara, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do voluntário

## Apêndice B

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS SUJEITOS DESTA PESQUISA

#### Dados pessoais

- Idade
- Profissão

#### Questões

- O que o motivou a procurar a EJA? Por que a EJA?
- Quanto tempo ficou fora da escola?
- Para que aprender a ler e a escrever?
- Para que aprender demais conhecimentos abordados na escola?
- Quais são as aprendizagens que você está conquistando frequentando essa modalidade de ensino?
- Como a escola pode te ajudar a ter mais sucesso na sua vida profissional?
- Quais as dificuldades no processo de aprendizagem na EJA?
- Os professores são importantes para superação dessas dificuldades? Comente sua resposta:
- Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem?
- Como você avalia o processo de interação professor e aluno para o sucesso de sua aprendizagem?
- Esclarece suas dúvidas com o professor?
- Qual disciplina mais gosta?

## Apêndice C

### ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURA

- Conte de forma detalhada as razões que lhe levaram a se matricular na EJA.
- Comente sobre a importância da escola para você.
- Conte sobre a relevância da relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.
- Comente sobre as principais dificuldades que encontram no seu processo de escolarização.
- Relate sobre suas conquistas no decorrer da sua escolarização.



## Apêndice D

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA PROFESSORES)

Título do Projeto: Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem

Pesquisador Responsável: Helena Silva de Oliveira

Nome do participante:

Idade:

R.G.:

Responsável legal (quando for o caso):

R.G.:

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por finalidade investigar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA -, enfatizando especialmente a relação professor-aluno e suas contribuições no processo de ensino e aprendizagens significativas pelos educandos.
2. Ao participar deste trabalho estarei contribuindo para pesquisas na área de Educação, sobretudo, no que se referem a modalidade de ensino da EJA Minha participação também permitirá que eu reflita sobre a minha formação e atuação profissional.
3. A minha participação como voluntário, no que se refere à entrevista a ser realizada na biblioteca da escola, deverá ter a duração de aproximadamente 01 hora.
4. Durante a minha participação na pesquisa, poderei me sentir desconfortável e/ou constrangido (a) no momento de responder a questões que envolvem minhas práticas de leitura e escrita em diferentes espaços sociais, bem como as implicações dessas práticas no decorrer de minha formação e atuação profissional. Dessa forma, estou ciente de que a pesquisadora responsável estará preparada para as orientações e esclarecimentos necessários para contribuir com meu bem-estar.
5. A coleta de dados será realizada conforme procedimentos técnicos recomendados e usuais (entrevista audiogravada).
6. Os procedimentos aos quais serei submetido não provocarão danos morais, físicos, financeiros ou religiosos.
7. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na

pesquisa, serei ressarcido pela pesquisadora, recebendo o valor, em dinheiro, na íntegra. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determinação.

8. Poderei deixar de participar do estudo a qualquer momento sem prejuízo do meu tratamento.

9. Meu nome será mantido em sigilo, assegurado assim a minha privacidade e se desejar, deverei ser informado dos resultados da pesquisa.

10. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos poderei entrar em contato com a professora responsável pelo Projeto de Pesquisa.

Diante dos esclarecimentos prestados, concordo em participar do projeto "Relação professor-aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ênfase no processo de ensino e aprendizagem", na qualidade de voluntário (a).

Araraquara, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do voluntário

## Apêndice E

### Questionário aplicado aos professores

#### Dados pessoais

Idade

Formação

Tempo de atuação na EJA

Disciplina que leciona

#### Questões

- Como visualiza ensinar na modalidade EJA?
- . Qual o seu papel como docente, no processo de ensino e na aprendizagem dos educandos?
- . Como você, educador de EJA, compreende a aprendizagem dos alunos?
- . Quais as expectativas que possui em relação ao processo de aprendizagem dos alunos?
- Quais as principais dificuldades que você percebe no processo de ensino aprendizagem dos alunos da EJA?
- Como você compreende a relação professor-aluno na EJA?
- Como se dá a relação professor-aluno em sala de aula? Comente sobre suas experiências, sobretudo, em relação à turma 5ª série/6º ano.
- Por que considera importante a aprendizagem da leitura e da escrita pelos alunos que frequentam a EJA?
- Além de aprender o código escrito, quais outras aprendizagens que você considera necessárias para os alunos que frequentam a EJA. Comente:
- Se desejar, pontue outras questões que considera pertinentes em se tratando da relação professor aluno na EJA e o processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade de ensino.

## Apêndice F

### **Roteiro da entrevista semiestrutura aplicada aos professores**

- Conte sua escolha para atuar na EJA.
- Comente sobre a relevância da disciplina que ministra para a formação dos alunos.
- Conte sobre a relevância da relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.
- Comente sobre as principais dificuldades que você encontra ao atuar nessa modalidade de ensino.
- Relate sobre as contribuições para a sua formação como professor ao atuar com os educandos.